

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

JIONATHA DE SOUSA DA COSTA

**PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO  
BÍBLICA E SEU IMPACTO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA**

São Leopoldo

2023



JIONATHA DE SOUSA DA COSTA

**PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO  
BÍBLICA E SEU IMPACTO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Profissional em Teologia  
Área de Concentração: Bíblia  
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Pessoa Orientadora: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837p Costa, Jionatha de Sousa da  
Os pressupostos do método histórico-crítico de interpretação bíblica e seu impacto na interpretação bíblica / Jionatha de Sousa da Costa ; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo: EST/PPG, 2023.  
91 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Método histórico-crítico. 2. Teologia - Racionalismo. 3. Semlers, Johann Salomo, 1725-1791. I. Schmitt, Flávio, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JIONATHA DE SOUSA DA COSTA

**OS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE  
INTERPRETAÇÃO BÍBLICA E SEU IMPACTO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia e Sociedade  
Linha de atuação: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de Aprovação: 13 de julho de 2023

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. JOSÉ ADRIANO FILHO (FUV)  
Participação por webconferência



Dedico aos meus pais Joaquim Barros da Costa (in memoriam) e Raimunda Nonata Magalhães de Sousa por todo o incentivo aos meus estudos, ao meu filho Luís Miguel dos Santos Costa por ser uma fonte de inspiração em dias difíceis, a Camila Barros por sempre estar ao meu lado e a todos os meus familiares e amigos que sempre torceram por mim.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me conceder esta oportunidade de alcançar este objetivo tão desejado por mim há muito tempo. A todos os meus familiares e amigos que compreenderam minha ausência durante as várias vezes que me recolhi para ficar a sós com meus livros. Às minhas irmãs Nonata, Lurdes e Cleudimar por sempre acreditarem em meu progresso. Aos meus sobrinhos e sobrinhas. À irmã Rosalina e Pr. Kleber pelas incessantes orações em favor do cumprimento dos planos de Deus para minha vida. Aos meus colegas de trabalho que muitas vezes supriram minha ausência. A meu amigo e colega de trabalho Edinaldo por ter me dado sábios conselhos que ajudaram a seguir em frente nessa trajetória e ao meu crescimento pessoal. Ao meu irmão Rarison por muitas vezes suprir a minha ausência durante as atividades do mestrado. Aos meus colegas de mestrado que me acolheram e me ajudaram em todos os momentos, dentre todos, os mais próximos, Fabiano do Ramo e Jonatas Martins que me foram um porto seguro nos momentos de adaptação, Líria Preciado, Marisol, Pe. Linconl, Rolando, Cláudio, Pamella, Roberta, Denilda, Teresinha, Francielo, Lemuel, Pr. Zoildo, Pr. Jandeson, pessoas que fizeram desse período um período que jamais será esquecido. Ao meu orientador, Flávio Schmitt, que desde o início do mestrado deu-me um exemplo de erudição e equilíbrio, ao professor Charles Klemz que desde a pós-graduação lato sensu foi um incentivador, ajudando-me inúmeras vezes e me incentivando a prosseguir e ao professor Thiago Silveira Almeida que no momento mais difícil me estendeu a mão e não me deixou desistir, por compartilhar comigo inúmeras obras e por seus sábios conselhos.

Meu muito obrigado!



*Deus é real e intervém na história dos homens.*

J. S. C.



## RESUMO

Esta é uma pesquisa bibliográfica que tem como objeto de investigação os pressupostos do Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica. O objetivo geral desta investigação é buscar relacionar os pressupostos do Método Histórico-Crítico e seu impacto na interpretação bíblica, além de conceituar o método, descrever suas origens, relacionar seus passos metodológicos e seus pressupostos. A pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro aborda as origens do Método Histórico-Crítico e seus passos metodológicos. O segundo discorre sobre os pressupostos do Método Histórico-Crítico oriundos do racionalismo e da obra do teólogo alemão Johann Salomo Semler. O terceiro disserta sobre o impacto dos pressupostos do Método Histórico-Crítico na interpretação bíblica. Por meio deste estudo, verifica-se o contexto histórico, teológico e filosófico do surgimento do Método Histórico-Crítico, além da distinção entre seus passos metodológicos. Elencou-se as contribuições do racionalismo e de Johann Salomo Semler aos pressupostos do método. Também foram relatadas posições acerca do impacto da aplicação do método. Conclui-se que os pressupostos do Método Histórico-Crítico influenciam na interpretação bíblica, por tratar-se de um método que falha em sua objetividade, nega a inspiração divina das Escrituras e reinterpreta o sobrenatural contido nos textos como uma adequação aos mitos da época de sua composição.

**Palavras-chave:** Método Histórico-Crítico. Crítica histórica. Racionalismo Teológico. Johann Salomo Semler.



## ABSTRACT

This is a bibliographical research whose object of investigation is the assumptions of the Historical-Critical Method of biblical interpretation. The general objective of this investigation is to seek to relate the assumptions of the Historical-Critical Method and its impact on biblical interpretation, in addition to conceptualizing the method, describing its origins, relating its methodological steps and its assumptions. The research is divided into three chapters. The first addresses the origins of the Historical-Critical Method and its methodological steps. The second discusses the assumptions of the Historical-Critical Method arising from rationalism and the work of the German theologian Johann Salomo Semler. The third talks about the impact of the assumptions of the Historical-Critical Method on biblical interpretation. Through this study, the historical, theological and philosophical context of the emergence of the Historical-Critical Method is verified, in addition to the distinction between its methodological steps. The contributions of rationalism and Johann Salomo Semler to the method's assumptions were listed. Positions regarding the impact of applying the method were also reported. It is concluded that the assumptions of the Historical-Critical Method influence biblical interpretation, as it is a method that fails in its objectivity, denies the divine inspiration of the Scriptures and reinterprets the supernatural contained in the texts as an adaptation to the myths of the time of its composition.

**Keywords:** Historical-Critical Method. Historical criticism. Theological Rationalism. Johann Salomo Semler.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 – AS ORIGENS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA.....</b>	<b>21</b>
2.1- O CONTEXTO FILOSÓFICO QUE CONSTITUIU AS BASES DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA .....	28
2.1.1 - Deísmo Inglês .....	29
2.1.2 - Ceticismo Francês .....	30
2.1.3 - Iluminismo.....	31
2.2 - OS PASSOS METODOLÓGICOS DO MÉTODO HISTÓRICO – CRÍTICO E SEUS LIMITES .....	32
2.2.1 - Crítica textual .....	33
2.2.2 – Crítica literária .....	35
2.2.3 – Crítica da fonte.....	37
2.2.4 – Crítica da forma.....	38
2.2.5 – Crítica da redação.....	41
2.2.6 – Crítica da tradição.....	43
<b>3 - OS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA.....</b>	<b>47</b>
3.1 - AS CONTRIBUIÇÕES DO RACIONALISMO À FORMAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO .....	49
3.1.1 - A razão é o critério de análise do meio natural.....	49
3.1.2 - O universo é construído segundo princípios racionais conhecidos como leis científicas.....	50
3.1.3 - O universo tem um criador, do mesmo modo que um relógio tem um criador, e todas as religiões afirmam isso.....	51
3.1.4 - O dever de todos é viver uma vida moral .....	52
3.1.5 - A religião e a Bíblia precisam ser purificadas de elementos imorais.....	53
3.2 – OS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO ORIUNDOS DO RACIONALISMO TEOLÓGICO DE JOHANN SALOMO SEMLER.....	56
3.2.1 – O cânon dentro do cânon: a separação entre Palavra de Deus e Escritura .....	57
3.2.2 - O conceito de Palavra de Deus para Johann Salomo Semler.....	58
3.2.3 - O cânon como uma construção histórica: a dessacralização do texto ...	60
3.2.4 - Teoria da acomodação: a busca pela desmistificação do texto .....	62
3.2.5 - A compreensão histórica do texto como alvo da interpretação bíblica...	64
3.2.6 - A questão da objetividade: a pretensão científica do Método Histórico-Crítico.....	65
<b>4 – O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO E SEU IMPACTO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA.....</b>	<b>67</b>
4.1 – WALTER WINK: A CRÍTICA BÍBLICA ESTÁ FALIDA.....	67

4.2 – JOSEPH A. FITZMYER: O USO DO MÉTODO ORIENTADO APROPRIADAMENTE .....	70
4.3 – GERHARD MAIER: O FIM DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO.....	73
4.4 - ETA LINNEMANN: O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO COMO ABSOLUTIZAÇÃO DA RAZÃO.....	76
4.5 - KRENTZ: A CRÍTICA HISTÓRICA A SERVIÇO DO EVANGELHO .....	79
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Desde o judaísmo e bem antes dos primórdios do cristianismo, já havia a necessidade de interpretar os escritos sagrados para a compreensão dos membros das comunidades. Esta imensa necessidade de interpretação e busca pelo significado dos textos levou, ao longo da história da igreja, à criação de vários métodos de interpretação, dentre eles temos o método de interpretação histórico-crítico. Esse método tem como proposta encontrar o sentido de um texto à luz do seu contexto histórico, evitar em suas interpretações a influência de quaisquer confissões religiosas e buscar uma interpretação objetiva, imparcial e científica. Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar os pressupostos do Método Histórico-Crítico e seu impacto na interpretação bíblica. Assumimos como objetivos específicos descrever o contexto histórico de criação do Método Histórico-Crítico, definir o seu conceito, descrever seus passos metodológicos, relacionar as influências filosóficas na formação de seus pressupostos e elencar os seus principais pressupostos.

Esta pesquisa torna-se relevante, uma vez que o Método Histórico-Crítico é, até os nossos dias, o principal método de interpretação utilizado na academia, inúmeras tentativas de superação foram desenvolvidas, mas nenhuma delas foi capaz de superá-lo, pois, ou são construídas a partir de suas bases, ou servem apenas como complemento de sua aplicação.

Sendo o Método Histórico-Crítico tão importante e por ocupar uma posição de supremacia nos estudos interpretativos, surgem alguns questionamentos, dentre eles: sobre quais bases o método foi construído? Ou seja, quais suas concepções filosóficas? Qual seu objetivo? Quais os seus passos metodológicos? Há algum indício em seus resultados que possam provar sua objetividade? É científico? É neutro? Se possuir pressupostos, quais são? Eles afetam a interpretação? Daí surge uma pergunta central: quais os pressupostos do Método Histórico-Crítico e qual seu impacto na interpretação bíblica? Tomamos como ponto de partida a hipótese de que o método, apesar de sua pretensão de cientificidade e objetividade, não é científico nem objetivo, mas parte de pressupostos bem definidos que norteiam e condicionam a sua aplicação exegética.

Para tanto, a presente pesquisa sobre os pressupostos do Método Histórico-Crítico e seu impacto na interpretação bíblica será desenvolvida como uma pesquisa descritiva quanto aos fins e bibliográfica quanto aos meios, de acordo com a classificação de Sylvia Vergara. Operacionalmente, a pesquisa se desdobrará nos seguintes passos: 1) Levantamento bibliográfico a partir do tema de pesquisa; 2) leitura e fichamentos de obras selecionadas; 3) Análise e discussão dos dados; 4) Sistematização dos resultados em um texto dissertativo final.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram consultadas algumas obras, das quais podemos destacar o *Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation*, de autoria de Stanley E. Porter, que se apresenta como uma excelente fonte de informações sobre diversos termos e seu contexto, em especial o termo Iluminismo e seu contexto histórico, período que exerceu forte influência sobre a formação dos pressupostos do Método Histórico-Crítico. Podemos citar ainda as obras *The Historical Critical Method*, de autoria de Edgar Krentz, e a obra *The Historical-Critical Method a guide for the perplexed*, de autoria de David R. Law, que nos fornecem informações valiosas para uma apresentação detalhada do Método Histórico-Crítico.

Temos ainda o artigo *Semler and Historical Criticism*, da revista *Concórdia Theological* número 80, ano 2016, de autoria de Boris Paschke, *Aufklärung durch historisierung: Johann Salomo Semlers Hermeneutik des Christentums*, de autoria de Marianne Schroter, e a obra *Die Anfänge der Historische-Kritischen Theologie: Johann Salomo Semlers Schriftverständnis und seine Stellung zu Luther*, de autoria de Gottfried Hornig. Estes recursos foram utilizados como base para a compreensão da visão de Semler sobre o Cânon e para delinear as partes mais relevantes de sua Metodologia Histórico-Crítica.

Utilizamos a obra *The Biblical Accommodation Debate in Germany: Interpretation and the Enlightenment*, de autoria de Hoon J. Lee, para uma compreensão mais profunda da teoria da acomodação, que, na concepção de Semler, recebe uma reformulação para significar que os autores bíblicos acomodaram seus ensinamentos ao folclore e mitos de sua época.

Para descrever o impacto do Método Histórico-Crítico na interpretação bíblica, destacamos dentre as obras utilizadas a obra *The End of The Historical Critical Method*, de autoria de Gerhard Maier, que recomenda uma rejeição ao

Método Histórico-Crítico partindo da premissa de que o método não é a resposta adequada à revelação de Deus. Bem como a obra *A Interpretação da Escritura: em Defesa do Método Histórico-Crítico*, de autoria de Joseph A. Fitzmyer, que oferece uma proposta de utilização do método sem suas premissas ideológicas e realiza uma defesa do Método Histórico-Crítico dos ataques que tem sofrido ao longo de sua história.

Pretendemos desenvolver nossa investigação da seguinte forma: no primeiro capítulo, discorreremos sobre as origens do Método Histórico-Crítico utilizando como ponto de partida o século XVII, em seguida, expondo o contexto histórico, teológico e filosófico do século XVIII, dando uma ênfase especial ao contexto filosófico do qual defendemos ser o ambiente originário dos pressupostos do Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica, e em seguida, faremos uma exposição sobre os passos metodológicos do método e suas peculiaridades.

No segundo capítulo, apresentaremos os pressupostos do Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica, onde destacaremos as contribuições do racionalismo aos pressupostos do método e a relevância do papel de Johann Salomo Semler, pai do Método Histórico-Crítico, na constituição dos pressupostos da Metodologia Histórico-Crítica. Na obra de Semler, desenvolvida com base no racionalismo teológico, identificaremos pressupostos que norteiam a exegese histórico-crítica, como a separação entre Palavra de Deus e Escritura, o conceito de Palavra de Deus como uma Verdade moral e o Cânon como uma construção histórica.

No terceiro capítulo, trataremos sobre o impacto do Método Histórico-Crítico na interpretação bíblica, utilizando para isso a posição de alguns autores que são reconhecidos como opositores ou defensores do método, pois, através deles, teremos uma visão do impacto e da influência do Método Histórico-Crítico na interpretação bíblica. À medida em que serão elencados argumentos a favor e contra o uso do método, os autores irão delinear as consequências de sua utilização, bem como as contribuições que o método tem proporcionado ao estudo científico da Bíblia.



## 2 – AS ORIGENS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica possui uma longa história de formulação e aperfeiçoamento até alcançar a forma como é encontrado atualmente. Podemos falar não apenas em um método ou uma abordagem, mas em “vários métodos de estudo de um texto. O que dá uma unidade ao todo. É mais uma perspectiva definida, uma determinada abordagem ao texto bíblico que leva consigo alguns pressupostos básicos”<sup>1</sup>, pois a crítica bíblica “é essencialmente uma aplicação dos valores do Iluminismo ao texto bíblico, uma abordagem racional e ‘objetiva’ que se opõe à tradicional leitura eclesiástica.”<sup>2</sup> (Tradução nossa). Ou seja, “a crítica histórica é pensada como a maneira padrão de estudar a Bíblia objetivamente.”<sup>3</sup> (Tradução nossa). É impossível traçar uma genealogia do método desde o mais remoto colaborador, mas propomos um relato de seu desenvolvimento a partir dos impulsos proporcionados por um seleto grupo de estudiosos, passando pela reforma protestante até a contemporaneidade.

Tomamos como ponto de partida o século XVII, destacando a figura do padre francês Richard Simon, que foi “um teólogo que, pela primeira vez, colocou-se a estudar como um problema histórico os fatos do Novo Testamento.”<sup>4</sup> (Tradução nossa). Ele publicou as obras: *Uma História Crítica do Antigo Testamento* (1678), *História do Texto do Novo Testamento* (1689), *História Crítica das Traduções do Novo Testamento* (1690) e *História Crítica dos Principais Intérpretes do Novo Testamento* (1693). Com a publicação dessas obras, “ele tornou-se o fundador

---

<sup>1</sup> MUELLER, Enio R. O Método Histórico-Crítico: uma avaliação, In: FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que Iês?* Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da Exegese e da Hermenêutica. 2ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 245.

<sup>2</sup> “Is essentially an application of Enlightenment values to the biblical text, a rational, ‘objective’ approach that sets itself against traditional ecclesiastical readings.” HARRISVILLE, Roy A; SUNDBERG, Walter. *The Bible in Modern Culture: Baruch Spinoza to Brevard Childs*. 2d. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 121.

<sup>3</sup> “Historical criticism is thought of as the standard way of studying the Bible objectively.” GREENE, Colin; MÖLLER, Karl. *Renewing Biblical Interpretation: Scripture and Hermeneutics Series*. Vol. 1. Grand Rapids, MI; Carlisle: Zondervan; Paternoster, 2000. p. 4.

<sup>4</sup> “For the first time, set himself the task of investigating as a historical problem the historical facts ncountered in the New Testament.” KÜMELL, Werner Georg. *The New Testament: the History of the Investigation of Its Problems*. Nashville/TN: Abingdon Press, 1972. p. 40.

direto do estudo histórico-crítico da Bíblia.”<sup>5</sup> (Tradução nossa). E é importante ressaltar que o “seu objetivo era apologético, não histórico, para mostrar que o princípio *sola scriptura* protestante, quando levado à sua lógica conclusão, torna impossível a confiança na Bíblia.”<sup>6</sup> (Tradução nossa).

Com a chegada da reforma protestante, houve uma mudança na forma como a escritura estava sendo utilizada. Ela sai de uma posição secundária para o centro do culto e da teologia. “O resultado dessa ênfase nas escrituras foi que a exegese se tornou um tema central de interesse das igrejas da Reforma.”<sup>7</sup> (Tradução nossa). Os reformadores inauguraram uma nova forma de interpretar as escrituras que suprisse as aspirações e propósitos da reforma. O princípio formal adotado foi o de *sola scriptura*, segundo Kaiser, “a norma para todas as doutrinas não seria encontrada na tradição ou na igreja, mas, somente nas escrituras. Essa foi uma inversão da estratégia de interpretação que começou com a escola ocidental”<sup>8</sup>, que havia introduzido a idéia de que as interpretações da escritura deveriam ser realizadas com base na tradição da igreja e, por isso, entre os reformadores, havia “um descontentamento com os métodos da igreja medieval, e uma busca por uma maior conformidade com o espírito do novo humanismo que vinha surgindo no mundo cultural da época.”<sup>9</sup>

Segundo Barton,

a Reforma forneceu muitos dos impulsos em direção a uma leitura crítica da Bíblia, mas, uma vez que estes caíram nas mãos de pensadores iluministas, eles se tornaram exagerados e tiraram a Bíblia das igrejas, pensa-se. Com efeito, a liberdade de investigação que os reformadores incentivaram nunca teve a intenção de levar a um vale-tudo exegético, e certamente não ao espírito cético em que alguém como Spinoza veio a ler a Bíblia.<sup>10</sup> (Tradução nossa).

---

<sup>5</sup> “He became the direct founder of the historical-critical study of the Bible.” KRENTZ, Edgar. *The historical-critical method*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 1975. p. 15.

<sup>6</sup> “His aim was apologetic, not historical, to show that the Protestant *sola scriptura* principle, when carried to its logical conclusion, makes confidence in the Bible impossible.” KRENTZ, 1975, p. 15.

<sup>7</sup> “The result of this emphasis on scripture was that exegesis became a central concern of the Reformation churches.” LAW R. David. *The historical-critical method: A guide for the perplexed*. London: T & T Clark, 2012. p. 36.

<sup>8</sup> KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2021. p. 217.

<sup>9</sup> MUELLER, 2008, p. 241.

<sup>10</sup> “The Reformation provided many of the impulses toward a critical reading of the Bible, but once these got into the hands of Enlightenment thinkers, they became exaggerated and took the Bible away from the churches, it is thought. In effect, the freedom of inquiry that Reformers encouraged had never been intended to lead to an exegetical free-for-all, and certainly not to the skeptical spirit

Dentre os reformadores, podemos destacar a contribuição de Martinho Lutero, pois ele “lança as bases para posteriores distinções, feitas no estudo bíblico, entre a proclamação central de Cristo (conhecida pela fé) e o texto bíblico enquanto obra de investigação histórico-crítica (conhecido pela razão).”<sup>11</sup> Ele defendia uma primazia do Cristo-palavra sobre o texto escrito, e, partindo do princípio de que “tudo que promove ou ensina a Cristo é inspirado, caindo o resto em uma categoria inferior”<sup>12</sup>, ele faz uma avaliação do cânone estabelecendo critérios que levaram a identificar a escritura dentro da escritura ou o cânon dentro do cânon, pois, “para Lutero, a palavra de Deus e a Escritura seguramente não são idênticas.”<sup>13</sup>

Sobre o assunto, Gunneweg pontua:

A distinção mais importante é a que diferencia entre o evangelho como mensagem oral e a Escritura, que tem apenas função servidora, não sendo, porém, ela mesma a palavra da salvação, o evangelho salvífico. Apesar e por causa do princípio *sola scriptura* como o princípio hermenêutico decisivo da Escritura que se explica a si mesma, a palavra de Cristo, a palavra a respeito de Cristo, que “promove a Cristo”, é a norma da Escritura, o critério do “cânone no cânone” e a chave hermenêutica para a compreensão correta da Escritura.<sup>14</sup>

Esta forma de abordagem do texto bíblico modificará o papel do exegeta, que agora buscará dentro do texto bíblico “o que promove a Cristo” em detrimento de partes que possam ser consideradas de menor autoridade. “Foi da exegese da reforma, e muitas vezes em uma relação explícita com ela, que nasceu o estudo crítico moderno, de modo que esse período é de importância fundamental”<sup>15</sup> para o surgimento de abordagens como “a livre análise do cânone proclamada por Johann Salomo Semler cerca de dois séculos e meio depois de Lutero”<sup>16</sup>, que dará origem “oficialmente” ao Método Histórico-Crítico.

A reforma protestante não somente intensificou o interesse pela interpretação bíblica, mas também contribuiu para “um textualismo rigoroso que foi

---

in which someone such as Spinoza would come to read the Bible.” BARTON, John. *The nature of biblical criticism*. Louisville, KY; London: Westminster John Knox Press, 2007. p. 123.

<sup>11</sup> HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. *Política da Bíblia: As raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização das Escrituras (1300-1700)*. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 247.

<sup>12</sup> MUELLER, 2008, p. 242.

<sup>13</sup> GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 45.

<sup>14</sup> GUNNEWEG, 2003, p. 47.

<sup>15</sup> BRAY, Gerald. *História da interpretação bíblica*. 1 ed. São Paulo. Vida Nova, 2017. p. 11.

<sup>16</sup> GUNNEWEG, 2003, p. 52.

usado para objetivar a Bíblia, removê-la de seu contexto eclesial, e transformá-la em uma espécie de campo de batalha hermenêutico.”<sup>17</sup> (Tradução nossa). Pois a interpretação sai da tutela da igreja e passa a ser uma tarefa de estudiosos que nesse momento estavam mais ligados à universidade que a confissões de fé. Assim, “a Bíblia foi transformada de um livro sagrado da igreja em um texto clássico fundamental da cultura ocidental.”<sup>18</sup>(tradução nossa).

Outra contribuição importante é de Baruch de Spinoza, que em sua obra *Tratado teológico-político* (1670), a partir de premissas racionalistas, apresenta a razão como o melhor meio de conduzir o homem. Além de fazer uma crítica da religião, “Spinoza discute interpretação bíblica para desacreditar a aparência de autoridade sobrenatural. Os milagres na Bíblia são o resultado do costume judaico de atribuir tudo a Deus em desconsideração de causas secundárias.”<sup>19</sup> (Tradução nossa). Spinoza faz uma distinção entre verdade e significado, e a utiliza como ponto central de sua argumentação:

A verdade refere-se a questões de significado universal que a razão é capaz de discernir independentemente do tempo e do lugar. O significado refere-se às expressões e artefatos culturais de povos específicos vinculado ao tempo e ao lugar. Milagres - isto é, "histórias de ocorrências incomuns na Natureza" - e revelações, que aparecem na Bíblia na forma de profecias, são fenômenos de significado, não verdade.<sup>20</sup> (Tradução nossa).

Barton, referindo-se a Spinoza, cita Leo Strauss (1899-1973), que em seus escritos afirmou: “os estudiosos geralmente estudam a Bíblia da maneira que estudam qualquer outro livro. Como geralmente se admite, Spinoza, mais do que qualquer outro homem, lançou as bases para este tipo de estudo bíblico.”<sup>21</sup> (Tradução nossa). A contribuição de Spinoza foi tão importante que “o triunfo da

<sup>17</sup> “Functioned to objectify the Bible, remove it from its larger ecclesial contexts, and turn it into a kind of hermeneutical battleground.” LEGASPI, Michael C. *The death of scripture and the rise of biblical studies*. Oxford University Press on Demand, 2010. p. 19.

<sup>18</sup> “The Bible was transformed from a sacred book of the church into a foundational classic text of Western culture.” ZIMMERMANN, Jens. *Hermeneutics: A very short introduction*. [S. l.]: OUP Oxford, 2015, n.p.

<sup>19</sup> “Spinoza discusses biblical interpretation to discredit the appearance of supernatural authority. Miracles in the Bible are the result of the Jewish custom of referring everything to God in disregard of secondary causes.” KRENTZ, 1975, p. 14.

<sup>20</sup> “Truth refers to matters of universal significance that reason is able to discern regardless of time and place. Meaning refers to the cultural expressions and artifacts of specific peoples bound to time and place. Miracles — that is, “stories of unusual occurrences in Nature” — and revelations, which appear in the Bible in the form of prophecies, are phenomena of meaning, not truth.” HARRISVILLE et al, 2002, p. 38.

<sup>21</sup> “Scholars generally study the Bible in the manner in which they study any other book. As is generally admitted, Spinoza more than any other man laid the foundation for this kind of Biblical study.” STRAUSS apud HARRISVILLE et al, 2002, p. 37.

razão sobre a revelação desabrochou depois de Spinoza.”<sup>22</sup> (Tradução nossa). Outra figura de destaque é o Deísta John Locke, com as obras *Ensaio acerca do entendimento humano* (1690) e *A razoabilidade do cristianismo* (1695). Nestas obras “Locke argumentou que ‘a razão é a revelação natural’. Deus comunica ao homem através de seus poderes naturais novas descobertas que a razão valida oferecendo provas. Remover a razão é você remover a revelação.”<sup>23</sup> (Tradução nossa).

Dessa forma, tudo o que Deus revelou é verdadeiro, mas, toda revelação precisa do veredito da razão. Locke também “argumentou que, embora tudo na Bíblia vem de Deus e deve ser crido implicitamente, é preciso aplicar a ela a mesma forma de entender o texto que alguém usaria com qualquer outro trabalho.”<sup>24</sup> (Tradução nossa). Isso é consequência de sua teoria do conhecimento, onde Locke defendia que todo conhecimento tem como base a experiência, logo, o conhecimento extraído da Bíblia só era crível se atendesse às reivindicações dos métodos empregados nas demais obras de seu tempo. Na visão de Locke, “a razão é capaz de reconhecer a existência de um Deus que nos deu regras para nossas atitudes, as quais estão sujeitas a exame racional.”<sup>25</sup> (Tradução nossa).

Johann Salomo Semler (1725-1791) é considerado o pai do Método Histórico-Crítico, com sua célebre obra *Tratado sobre a livre investigação do Cânon*, composta por 4 volumes publicados entre 1771 e 1775.<sup>26</sup> O título da obra consegue sintetizar o seu objetivo, pois a obra delinea as bases de uma hermenêutica livre dos dogmas e limites que tinham sido estabelecidos pela igreja à interpretação bíblica desde a escola ocidental até aquele momento. “Ele enunciou e elaborou o conceito de que, uma vez que a Bíblia é um livro como todos os demais, deve também ser estudado como tal.”<sup>27</sup> Logo, Semler “negou abertamente a inspiração

<sup>22</sup> “Reason’s triumph over revelation came to full flower after Spinoza.” Krentz, 1975, p. 16.

<sup>23</sup> “Locke argued that “reason is natural revelation.” God communicates to man through his natural powers new discoveries which reason validates by offering proofs. Remove reason and you remove revelation.” KRENTZ, 1975, p. 16.

<sup>24</sup> “Locke argued that though everything in the Bible comes from God and is to be believed implicitly, one needs to apply to it the same ways of understanding the text that one would use with any other work.” BARTON, 2007, p. 127.

<sup>25</sup> “reason is able to recognize that there is a God who has given us rules for our attitudes, which are subject to rational examination.” REVENTLOW, Henning; PERDUE, Leo G. From the enlightenment to the twentieth century. *History of biblical interpretation.*, v. 63, 2010, p. 52.

<sup>26</sup> PASCHKE. Boris. The Contribution of the Lutheran Theologian Johann Salomo Semler to the Historical Criticism of the New Testament. *Concordia Theological*, Seminary, Fort Wayne Indiana, v.80, n.1-2, p.113-132, jan – abr/2016. p. 10.

<sup>27</sup> MULLER, 2008, p. 246.

divina da Bíblia, doutrina que ele considerava um obstáculo para o estudo científico do texto.”<sup>28</sup>

Semler partiu da premissa de que “a extensão do cânone nem sempre foi fixada ou claramente definida. Ele ressalta que a visão geral de uniformidade e consistência constante do cânone é sem razão e sem prescrição histórica.”<sup>29</sup> A fixação do cânon foi um processo que aconteceu com a evolução histórica da igreja e “esta unidade não foi alcançada até o quarto ou quinto século quando os bispos discutiram e decidiram a extensão do cânon. Pois, em várias partes e províncias da igreja primitiva, não existia uma unidade quanto à sua extensão.”<sup>30</sup>

Sendo assim,

com relação a saber se determinado livro ou passagem bíblica é divinamente inspirado ou não, Semler não confiou no julgamento da igreja nem no de seus pais e primeiros professores, mas apenas em seu próprio julgamento racional.<sup>31</sup>

Estas palavras de Semler já demonstram a sua posição de ver o texto bíblico apenas em sua dimensão humana, embora admita que ele possa conter a palavra de Deus, pois afirmava que era necessário distinguir muito bem entre Escritura sagrada e Palavra de Deus. Esta “distinção entre Palavra de Deus e Sagrada Escritura tornou-se o princípio de uma nova hermenêutica.”<sup>32</sup> Vale ressaltar que o que Semler chama de palavra de Deus seria uma verdade moral atemporal que poderia se encontrada em algumas passagens das escrituras. Ele acreditava que havia um cânon formal e um cânon normativo, e que a tarefa do intérprete seria encontrar o cânon normativo dentro do cânon formal.

Para Semler, “o termo “Escritura” refere-se a escritos que são relevantes apenas para o passado distante em que foram escritos, mas não falam mais aos seres humanos modernos.”<sup>33</sup>(Tradução nossa). Ou seja, não possuem autoridade ou status de palavra de Deus, pois, para ele, palavra de Deus “refere-se aos textos

---

<sup>28</sup> BRAY, 2017, p. 257.

<sup>29</sup> PASCHKE, 2016, p. 10.

<sup>30</sup> PASCHKE, 2016, p. 10.

<sup>31</sup> PASCHKE, 2016, p. 10.

<sup>32</sup> SCHNELLE Udo. *Introdução à exegese do novo testamento*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 12.

<sup>33</sup> “The term ‘Scripture’ refers to writings that are relevant only to the distant past in which they were written, but no longer speak to modern human beings.” LAW, 2012, p. 43.

bíblicos que contêm percepções de valor permanente. O critério para distinguir entre ‘Escritura’ e ‘Palavra de Deus’ é a edificação moral.”<sup>34</sup>(Tradução nossa).

Segundo Gunnerweg, “não foi sem razão que se denominou Semler o Lutero do século XVIII. É bem verdade que é impossível traçar uma linha direta de Lutero a Semler e à posterior ciência histórico-crítica do AT e NT.”<sup>35</sup> Mas podemos claramente ver na hermenêutica de Semler uma preocupação com a libertação da interpretação bíblica das pressuposições impostas pela igreja. Pois a ciência histórico-crítica vem

abrir o caminho para o encontro com a escritura por meio do questionamento e destruição de pretensas certezas e garantias e, desse modo, faz valer o *sola scriptura* inclusive contra as autoridades e tradições protestantes no dogma e no ministério.<sup>36</sup>

Na visão de Semler, os ensinamentos transmitidos pelo texto bíblico foram revestidos de mitos com o objetivo de serem mais facilmente compreendidos pelos seguidores de Jesus. Partindo desse pressuposto, uma abordagem histórico-crítica da Bíblia iria identificar estas acomodações e elas poderiam ser abandonadas. Esta teoria teve um impacto direto a tudo o que pode ser nomeado como sobrenatural no cânone bíblico. Assim como antes de Semler houve impulsos em direção ao estabelecimento de um método histórico e crítico, “depois de Semler essas contribuições passaram a ser ainda mais abundantes e consistentes.”<sup>37</sup> Semler, apesar de não inaugurar, contribui e intensifica um processo de secularização da Bíblia e uma visão de que ela não é a palavra de Deus, portanto, podendo ser analisada de forma crítica e compreendida dentro de seu contexto histórico, deixando para segundo plano a contextualização dessa mensagem para os dias atuais.

Todo o trabalho realizado por Semler é baseado em pressupostos que obteve de sua formação, inclusive, de seu professor Siegmund Jacob Baumgarten, que era um filósofo racionalista. E para compreendermos melhor esses pressupostos, analisaremos a seguir o contexto filosófico de surgimento do Método Histórico-Crítico.

<sup>34</sup> “Refers to those biblical texts which contain insights of permanent value. The criterion for distinguishing between ‘Scripture’ and ‘the Word of God’ is moral edification.” LAW, 2012, p. 43.

<sup>35</sup> GUNNEWEG, 2003, p. 52.

<sup>36</sup> GUNNEWEG, 2003, p. 52.

<sup>37</sup> SCHMITT, Flávio. Método Histórico-Crítico: Um olhar em perspectiva. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 325-339, jul-dez/2019. p. 329.

## 2.1- O CONTEXTO FILOSÓFICO QUE CONSTITUIU AS BASES DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O contexto histórico de surgimento do método é a segunda metade do século XVIII.<sup>38</sup> Durante este período, “um novo sistema de pensamento moldado pelo Iluminismo juntou-se a uma nova economia baseada no industrialismo para lançar as bases para a era moderna.”<sup>39</sup> (Tradução nossa). Houve uma grande transformação quando os europeus usaram máquinas movidas a novas fontes de energia para produzir novos produtos e em grande escala. “A passagem para a industrialização foi tão profunda que reestruturou a experiência humana.”<sup>40</sup> (Tradução nossa). Esta efervescência do século XVIII vai produzir grandes mudanças no mundo dos estudos teológicos, assim como a “revolução científica dos séculos XVI e XVII é seguida por uma revolução historiográfica no século XIX, e a crítica histórica incorpora a aplicação da filosofia histórica pós-iluminista e metodologia à Bíblia.”<sup>41</sup> (Tradução nossa). O surgimento do método teve como suas principais influências filosóficas o iluminismo, o ceticismo francês e o deísmo inglês que marcaram o ambiente europeu naquele período.

O contexto teológico do século XVIII é marcado pelo liberalismo teológico ou surgimento de uma teologia científica “introduzindo mudanças decisivas em relação às formas tradicionais de teologia.”<sup>42</sup> (Tradução nossa). A influência filosófica do iluminismo sobre os estudiosos do período os levaram a acreditar que o intelecto humano através da razão seria o único meio de encontrar a verdade. Pois “para estes pensadores o estudo da natureza, não a revelação sobrenatural, prometeu as respostas mais confiáveis para os fundamentos das questões da existência

---

<sup>38</sup> É quase impossível traçar um momento exato do surgimento do Método Histórico-Crítico, pois é possível traçar suas raízes em pensadores desde o século XIV, ou antes, passando pelo século XVIII até os nossos dias. Escolhemos a segunda metade do século XVIII tomando como referência a obra de Semler *Tratando sobre a livre interpretação do cânon* (1771-1775).

<sup>39</sup> “A new system of thought fashioned by the Enlightenment joined a new economy based on industrialism to lay the groundwork for the modern age.” FARR, James et al. *World eras. Volume 9: Industrial Revolution in Europe, 1750-1914*. Michigan: Gale, 2003, p. 25.

<sup>40</sup> “The shift to industrialization it was so profound that it restructured all of human experience.” FARR, 2003, p. 25.

<sup>41</sup> “The scientific revolution of the sixteenth and seventeenth centuries is followed by a historiographic revolution in the nineteenth century, and historical criticism embodies the application of post-Enlightenment historical philosophy and methodology to the Bible.” GREENE et al, 2000, p. 4.

<sup>42</sup> “Introducing decisive changes vis-à-vis traditional forms of theology.” ZACHHUBER, Johannes. *Theology as Science in Nineteenth-Century Germany: From FC Baur to Ernst Troeltsch*. Oxford University Press, 2013. p. 128.

humana.”<sup>43</sup> (Tradução nossa). Estes estudiosos receberam o nome de neologistas e questionaram a doutrina da inspiração da Bíblia articulada durante a reforma protestante, além de contestarem o elemento sobrenatural do cristianismo em todas as suas formas. Os principais pensadores do liberalismo foram Friederich Schleiermacher (1768-1834), considerado o pai do liberalismo teológico, que foi seguido por teólogos posteriores como Albrecht Ritschl (1822-1889) e Adolf von Harnack (1851-1930).

### 2.1.1 - Deísmo Inglês

Do Deísmo Inglês, destacamos John Toland (1670-1722), que escreveu a principal obra que expõe essa concepção filosófica, *Cristianismo sem mistério*, publicado em 1696. Na concepção filosófica de Toland, a verdade expressa nas escrituras só seria válida após se submeter ao crivo da razão. Assim afirma Toland:

Eu disse que a revelação não era um móvel que requer consentimento, mas, um meio de informação. [...] Isso não é a simples autoridade daquele que fala, mas a clara concepção que eu formo disso que ele diz, que é o fundamento da minha crença.<sup>44</sup>

Dentre os principais aspectos do deísmo, destacamos a afirmação de que não pode haver nada de irracional na revelação divina, ou seja, “o mistério”, que nesse contexto podemos definir como tudo aquilo que foge à compreensão da razão, não pode existir. Daí o título da obra de Toland.

Houve uma rejeição à ideia da revelação como sendo histórica, enfatizando que Deus se revelou diretamente à razão humana, e que somente ela pode ser o veículo receptor dessa revelação. Partindo dessas premissas, foram rejeitados os milagres da Bíblia e tudo aquilo que não pode ser aceito por uma análise racional.

Apesar dessas premissas nada “ortodoxas” desenvolvidas por esta corrente filosófica, não podemos deixar de pontuar que “o deísmo desempenhou um papel importante na promoção do desenvolvimento de novos métodos de interpretação

---

<sup>43</sup> “To these thinkers the study of nature, not supernatural revelation, promised the most reliable answers to the fundamental questions of human existence.” FARR, 2003, p. 307.

<sup>44</sup> PASCHKE, 2016, p. 10.

bíblica.”<sup>45</sup> (Tradução nossa). E que teve uma influência poderosa no combate às interpretações impostas e/ou aceitas oficialmente pela igreja.

Em suma, “a contribuição mais significativa do deísmo inglês era indiscutivelmente sua suspeita e crítica de muito do dogma tradicional da Igreja, uma suspeita que encorajou o estudo não dogmático e puramente histórico da Bíblia.”<sup>46</sup> (Tradução nossa). Estes pressupostos aplicados à teologia foram o modelo proposicional que originou os pressupostos do Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica. O método possui um conjunto de passos metodológicos que são utilizados em sua prática exegética e dá sustentação à busca por uma objetividade na interpretação, tendo como objetivo encontrar no texto ou no mundo do texto as informações necessárias para determinar o seu significado histórico.

### 2.1.2 - Ceticismo Francês

No que se refere ao Ceticismo Francês, destacamos a figura de René Descartes (1596-1650), considerado o pai da modernidade, que, fazendo uma investigação sobre a natureza do conhecimento, utilizou a dúvida como método de estudo. Dentre os passos do método de Descartes, temos, em suas próprias palavras,

o de nunca aceitar algo como verdadeiro que eu não conhecesse claramente como tal; ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e prevenção e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele.<sup>47</sup>

Descartes buscava encontrar um método para o conhecimento, e inicia a partir da ideia da dúvida metódica, colocando em suspensão de juízo todas as coisas. A partir daí todas as verdades até então conhecidas por ele podiam ser “suspensas” e submetidas ao crivo da razão a fim de receberem sua autenticidade.

Descartes afirma:

---

<sup>45</sup> “Deism played an important role in furthering the development of new methods of biblical interpretation.” LAW, 2012, p. 41.

<sup>46</sup> “The most significant contribution of English Deism was arguably its suspicion towards and criticism of much of the Church’s traditional dogma, a suspicion which encouraged the nondogmatic, purely historical study of the Bible.” LAW, 2012, p. 41.

<sup>47</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2001. p. 11.

A respeito de todas as opiniões que até então acolhera em meu crédito, o melhor a fazer seria dispor-me, de uma vez para sempre, a retirar-lhes essa confiança, para substituí-las em seguida ou por outras melhores, ou então pelas mesmas, após havê-las ajustado ao nível da razão.<sup>48</sup>

Partindo da dúvida como método, começou a duvidar de todas as coisas, concluindo que a única coisa que não poderia duvidar seria do próprio ato de pensar ou duvidar, daí formula o *cogito ergo sum*, ou seja, penso, logo existo. O pensamento, que seria a parte racional do homem, seria o único meio de alcançar o conhecimento. E qualquer coisa deveria ser validada pela razão. “Isso contribuiu para a visão de que apenas aqueles elementos da religião que poderiam provar sua validade em face da dúvida crítica eram aceitáveis.”<sup>49</sup> (Tradução nossa). Este pensamento terá um forte impacto no período e principalmente quando é empregado à teologia, como veremos no deísmo inglês.

### 2.1.3 - Iluminismo

Iluminismo ou esclarecimento é definido por Kant como “a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”.<sup>50</sup> Esta ênfase na autonomia do sujeito aplicada à revelação bíblica favorece uma atitude crítica frente ao texto bíblico, uma vez que o intérprete se desprenderia da tutela dos dogmas e das tradições religiosas e faria uso apenas de sua razão como prova de sua maioridade ou esclarecimento.

A interpretação esclarecida foi caracterizada pela mudança do tratamento da Bíblia como revelação inspirada para examiná-la como uma coleção de documentos históricos, às vezes resultando em reinterpretações completamente seculares.<sup>51</sup> (Tradução nossa)

A interpretação esclarecida é caracterizada pela dessacralização do texto, e uma análise baseada apenas na razão como critério de autoridade, pois, como

<sup>48</sup> DESCARTES, 2001, p. 8.

<sup>49</sup> “This contributed to the view that only those elements of religion that could prove their validity in the face of critical doubt were acceptable.” LAW, 2012, p. 39.

<sup>50</sup> KANT, I. Resposta à Pergunta: ‘O Que é Esclarecimento?’ In: KANT, I. *Textos Seletos*. (org. Carneiro Leão, E.). Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784]. p. 100.

<sup>51</sup> “Enlightened interpretation was characterized by the shift from treating the Bible as inspired revelation to examining it as a collection of historical documents, sometimes resulting in thoroughly secular reinterpretations.” PORTER, Stanley E. *Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation*. 1 ed. New York : Routledge, 2007, p. 91.

requisito para o esclarecimento, ou para que o homem saia de sua menoridade, o homem precisa de liberdade, e neste contexto ela significa “fazer uso público de sua razão em todas as questões”.<sup>52</sup> Esta liberdade pode ser retratada como uma batalha “contra todas as ameaças, forças opressoras, entre as quais a igreja estava incluída”<sup>53</sup> (Tradução nossa) através de seus dogmas e crenças bíblicos. Ou ainda como “liberdade também dos princípios divinos da revelação, interpretados como moralidade eclesiástica, e da autoridade da igreja, vista por eles, com ou sem razão, como parte da estrutura do poder político e secular.”<sup>54</sup> (Tradução nossa).

Podemos ver que o sujeito iluminista irá utilizar sua razão como instrumento de análise e/ou contestação dos textos bíblicos, pois “é tão cômodo ser menor, se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência”.<sup>55</sup> As lentes iluministas exaltam a subjetividade do homem e consolidam uma visão antropocêntrica do mundo. Retratando o contexto de surgimento do Método Histórico-Crítico, Mueller diz: “O homem é o centro do universo, e sua mente é o critério último de valor pelo qual tudo deve ser julgado e devidamente avaliado.”<sup>56</sup>

Uma contribuição importante do iluminismo “foi o surgimento da ideia de método como o meio pelo qual chegamos à verdade.”<sup>57</sup> (Tradução nossa). Logo, o papel desempenhado por Kant com seu conceito de iluminismo e por Descartes não será apenas o de propor uma supremacia da razão, mas disseminar uma visão de mundo em que a verdade não pode ser estabelecida sem que certos critérios sejam aceitos ou empregados, como veremos com a aplicação do método cartesiano.

## **2.2 - OS PASSOS METODOLÓGICOS DO MÉTODO HISTÓRICO – CRÍTICO E SEUS LIMITES**

O Método Histórico-Crítico é formado por alguns passos metodológicos, embora não exista um consenso entre os que utilizam o método quanto à

---

<sup>52</sup> KANT, 1974, p. 100.

<sup>53</sup> “Against all sinister, oppressing forces, among which the church was included.” MAIER, Gerhard. *The end of the Historical-Critical Method*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1974. p. 14.

<sup>54</sup> “Freedom also from the divine principles of revelation, interpreted as ecclesiastical morality, and from church authority, which they rightly or wrongly saw as part of the political and secular power structure.” KRENTZ, 1977, p. 14.

<sup>55</sup> KANT, 1974, p. 100.

<sup>56</sup> MUELLER, 2008, p. 245.

<sup>57</sup> “Was the rise of the idea of method as the means by which we arrive at truth.” LAW, 2012, p. 40.

quantidade de passos, destacamos alguns que julgamos indispensáveis para o estudo em questão, salientando seu conceito e ressaltando seus limites.

### 2.2.1 - Crítica textual

A crítica textual foi uma disciplina empregada pelos humanistas na época da reforma protestante. “No fim do século XVIII estava em seu apogeu.”<sup>58</sup> Dentre os vários conceitos da crítica textual, ela “é tradicionalmente vista como a ciência e a arte de reconstruir os autógrafos originais gregos, tanto quanto possível.”<sup>59</sup> (Tradução nossa). E isto se aplica também aos textos hebraicos do AT. A crítica textual realiza a análise dos manuscritos e suas famílias para definir um texto que se aproxime ao máximo do primeiro texto escrito, de forma que esse texto resultante seja usado em exegeses e traduções. Como não possuímos mais o texto original, apenas cópias, elas precisam ser analisadas à luz de critérios pré-estabelecidos que são conhecidos como princípios da crítica textual. A crítica textual, também chamada “em tempos mais antigos de baixa crítica.”<sup>60</sup>, é assim conceituada:

[...] o estudo dos textos bíblicos que aparecem nos manuscritos antigos, com o objetivo de recuperar uma forma de texto que se aproxime o máximo possível do texto exato dos escritos originais (chamados de “autógrafos”) assim como estes se apresentavam antes de copistas introduzirem alterações e cometerem erros durante o processo de cópia.<sup>61</sup>

Deste modo, podemos observar que a crítica textual define qual texto será usado na exegese partindo do pressuposto de que o texto sofreu alterações, como revisões ou possíveis erros de tradução ao longo do tempo. Essa tarefa exigirá uma escolha por parte do intérprete, pois é possível identificar a base textual das traduções da Bíblia e interagir com os comentários bíblicos “críticos” e, como resultado, empreender escolhas textuais inteligentes. Ou seja, a crítica textual consiste em: “contatar as diferenças entre os diversos manuscritos que contêm

<sup>58</sup> BRAY, 2017, p. 254.

<sup>59</sup> “Is traditionally seen as the science and art of reconstructing the original Greek autographs as closely as possible.” PORTER, Stanley E.; PITTS, Andrew W. *Fundamentals of New Testament textual criticism*. Dulles: Eerdmans Publishing, 2015, p. 17.

<sup>60</sup> VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. Editora Vida, 2001. p. 13.

<sup>61</sup> OMASON, Roger. L. *Variantes Textuais do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 11.

cópias do texto da exegese e avaliar qual das variantes poderia corresponder com maior probabilidade ao texto originalmente escrito pelo autor bíblico.”<sup>62</sup>

Com base nesse conceito, a crítica textual não se apresenta como uma “ciência exata” e nem pretende ser, mas seu papel visa trazer ao exegeta um texto que seja considerado o mais exato possível dentre as cópias ou variantes que o intérprete tem a sua disposição. Embora o uso da crítica textual seja de grande valor para a exegese bíblica, “muitos estudiosos concordam que todo o aparato metodológico da crítica textual precisa ser revisado e que as evidências em favor dos tipos de texto são particularmente suspeitas”.<sup>63</sup> Estas análises baseiam-se no fato de que “a maioria reconhece a natureza subjetiva e provisória de grande parte das decisões”.<sup>64</sup>

Um exemplo dos limites da crítica textual é visto quando é necessário determinar a qualidade relativa de um manuscrito. Outra vez somos obrigados a tomar uma decisão subjetiva. O que pode implicar que diferentes exegetas, utilizando os mesmos manuscritos, podem chegar a conclusões diferentes. Semelhante problema é identificado quando a crítica textual se propõe a identificar o estilo do autor.

É difícil detectar o “estilo” de um autor, pois, o tipo de estatística que os estudiosos em geral usam (e. g. tomando o número de vezes que uma palavra é usada como indicação dos termos preferidos de um determinado autor) raramente valem para obras curtas como os livros bíblicos. Escritores não são tão previsíveis. Portanto, os estudiosos divergem na avaliação e no uso que fazem do estilo como critério da crítica textual.<sup>65</sup>

A crítica textual possui alguns princípios que norteiam a sua aplicação para a produção de um texto crítico usado como base pelos estudiosos do AT e NT, “os princípios essenciais da crítica textual que retiveram sua validade até o presente foram formulados por Bengel. A ele é devido o crédito pelo uso no século XVIII,”<sup>66</sup>(tradução nossa), ocasião em que foram usados por diversos estudiosos

<sup>62</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do novo testamento: Manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo. Paulus, 2000, p. 39.

<sup>63</sup> OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem a interpretação bíblica*. São Paulo, Vida Nova. 2009, p. 73.

<sup>64</sup> OSBORNE, 2009, p. 73.

<sup>65</sup> OSBORNE, 2009, p. 76.

<sup>66</sup> “The essential principles of textual criticism which have retained their validity to the present were already formulated by Bengel. To him is due the laurel for the eighteenth century.” ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to*

críticos, como o próprio “Semler, que em sua obra segue as diretrizes postas por Bengel.”<sup>67</sup>(Tradução nossa). Desde os seus primórdios no Renascimento com Erasmo, até meados dos séculos XIX e XX,

o texto crítico do Novo Testamento, na verdade, permaneceu praticamente o mesmo em termos de seus objetivos, os argumentos para prioridade de leituras, seu agrupamento de manuscritos, e sua motivação e procedimentos gerais para produzir edições críticas.<sup>68</sup>

Embora seja evidente a ocorrência de problemas quanto às decisões realizadas pela crítica textual, isto não diminui o seu valor como ferramenta de auxílio para o estudo dos textos bíblicos. Uma vez que busca estabelecer um texto confiável para a exegese, “a crítica textual, nesse sentido, serve como janela para o que está por trás do texto, em vez de fornecer uma visão metodológica base para investigar as características da forma final do próprio texto.”<sup>69</sup> Este ponto é uma questão que novas abordagens tentam complementar, como, por exemplo, a literária, a canônica, a retórica. Se a crítica textual se preocupa com as variantes textuais, após estabelecer o texto, entra em cena o papel desenvolvido pela crítica literária, que, mesmo possuindo suas limitações, pode suprir deficiências e/ou limites da crítica textual, como o cuidado com a forma final do texto.

### 2.2.2 – Crítica literária

Segundo Pauline, “a crítica literária mais recente fundamenta o significado na estrutura literária ou superficial de um texto; ela se concentra no texto como ele é, não no texto como ele veio a ser.”<sup>70</sup> (Tradução nossa). A ênfase é na forma final do texto, realizando o estudo de sua estrutura para delimitar a extensão da perícopé, identificar seu gênero, pois, apesar de nossas Bíblias estarem divididas em capítulos

---

the Theory and Practice of Modern Textual Criticism, 2 ed. Grand Rapids: William Eedmans Publishing Co.; Leiden: E. J. Brill, 1989. p. 11.

<sup>67</sup> “Johann Salomo Semler, who in turn followed Bengel.” ALAND et al, 1989. p. 9.

<sup>68</sup> “New Testament textual criticism actually has remained much the same in terms of its goals, its arguments for priority of readings, its grouping of manuscripts, and its motivation and general procedures for producing critical editions.” EPP, Eldon Jay. *Perspectives on New Testament textual criticism: collected essays, 1962-2004*. Leiden: E. J. Brill, 2005. p. 696.

<sup>69</sup> “Textual criticism, in this sense, serves as a window into what is behind the text, rather than providing a methodological basis for investigating the characteristics of the final form of the text itself.” PORTER et al. 2015, p. 18.

<sup>70</sup> “More recent literary criticism grounds meaning in the literary or surface structure of a text; it focuses on the text as it is, not on the text as it came to be.” VIVIANO, A. Pauline. *Source Criticism*. In: MCKENZIE, S. L.; Haynes, S. R. (eds), *To Each Its Own Meaning: an Introduction to Biblical Criticisms and Their Application*. Westminster: John Knox Press, 1999. p. 30.

e versículos, esta divisão nem sempre consegue dividir as partes do texto em unidades textuais completas. O ideal é que cada unidade textual possua início, meio e fim. Sobre a delimitação do texto,

uma das qualidades de um texto é a sua delimitação, isto é, ele precisa ter começo, meio e fim. Delimitar um texto, portanto, significa estabelecer os limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde ele termina. O trecho da Escritura resultante dessa delimitação recebe o nome de “perícopo”.<sup>71</sup>

É tarefa da crítica literária, após delimitar o texto, identificar continuidades ou descontinuidades e buscar uma espécie de fio condutor que leva a uma linha de orientação da narrativa, essencial para a compreensão e interpretação da passagem. Neste momento, vale ressaltar que a estrutura de um texto é própria, embora seja possível identificar semelhanças estruturais entre textos, é necessário o cuidado de não tentar impor uma estrutura a determinado texto, pois a própria passagem fornece as suas divisões. O exegeta deve deixar-se conduzir pelo texto. As estruturas e os critérios que definem a perícopo variam de texto para texto, de acordo com o estilo e a competência do autor/redator.

Destacamos também como função da crítica literária definir a qual gênero literário pertence cada texto, ponto que é indispensável ao exegeta, pois cada gênero textual precisa de uma exegese que considere as suas particularidades e ignorar esse fato pode levar a sérios enganos na interpretação. Não há um consenso entre os estudiosos em relação a seu conceito e suas classificações, mas não podemos ignorar que existem determinados textos que podem ser agrupados por suas características e que uma única forma de abordagem aplicada a todos os textos bíblicos pode trazer muitas dificuldades à exegese.

A análise literária também tem as suas limitações, pois, semelhante a outras ferramentas do Método Histórico-Crítico, ela pode chegar a conclusões diversas em relação ao mesmo texto quando aplicada por exegetas diferentes. Este caráter subjetivo da análise literária é o seu ponto frágil, pois seus adeptos podem discordar da estrutura de determinados textos, da classificação de um texto como sendo pertencente a um gênero literário ou outro. Os dados analisados precisam de um veredito do exegeta, um juízo de valor, essa falta de objetividade faz da análise literária um terreno escorregadio, em contrapartida, ela fornece ao exegeta

---

<sup>71</sup> SILVA, Cássio Murilo Dias Da. *Metodologia de Exegese*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 68.

informações importantes para o estudo do texto que não podem ser desprezadas, como uma estrutura e características que apontam a determinado gênero, estas informações, consensuais ou não, dão uma linha de orientação para a exegese.

Outra ferramenta importante do Método Histórico-Crítico é a crítica da fonte, a qual pode fornecer informações importantes que o intérprete das escrituras pode utilizar a fim de continuar a sua busca pelo sentido original do texto bíblico.

### 2.2.3 – Crítica da fonte

Segundo Law, “a crítica das fontes preocupa-se em identificar as fontes usadas na composição dos textos bíblicos. Ela tenta recuperar os blocos de construção a partir dos quais o texto final foi construído.”<sup>72</sup> (Tradução nossa). O objetivo desse processo é identificar suas teologias, à medida que “o estudo dessas fontes é feito por meio da análise de concordância entre autores em terminologia, conteúdo, expressões e idéias.”<sup>73</sup> Para este objetivo, pelo menos três pressuposições são importantes: primeiro, “os autores têm um estilo consistente.”<sup>74</sup> (Tradução nossa). Logo, se houver passagens com um estilo diferente, elas só podem ser entendidas como pertencentes a outro autor, e devem ter sido incluídas no texto pelo redator final. Segundo, “os autores não se contradizem intencionalmente.”<sup>75</sup> (Tradução nossa). Portanto, quaisquer contradições encontradas no texto são o resultado da tentativa do redator conciliar fontes diferentes. Terceiro, “interrupções no fluxo da narrativa ou argumento são evidências da combinação de diferentes fontes.”<sup>76</sup> (Tradução nossa). Logo, uma interrupção na estrutura de uma frase ou de um argumento é sinal da introdução de outra fonte. A partir desses pressupostos, é desenvolvida toda a metodologia da crítica da fonte.

A crítica da fonte é aplicada ao AT e NT, mas, principalmente, ao Pentateuco e às vezes ao estudo dos livros históricos. “Gunkel apresentou análises da crítica da fonte em seu comentário sobre o livro de gêneses, mas ele advertiu que elas são

<sup>72</sup> “Source criticism is concerned with identifying the sources used in the composition of the biblical texts. It attempts to recover the building blocks from which the final text was constructed.” LAW, 2012, p. 114.

<sup>73</sup> WEGNER, 2016, p. 143.

<sup>74</sup> “Authors have a consistent style.” LAW, 2012, p. 123.

<sup>75</sup> “Authors do not intentionally contradict themselves.” LAW, 2012, p. 124.

<sup>76</sup> “Interruptions in the flow of narrative or argument are evidence of the combination of different sources.” LAW, 2012, p. 124.

incertas.”<sup>77</sup> (Tradução nossa). A dificuldade com essa abordagem é a tendência de fragmentação dos textos bíblicos. Por isso, para alguns estudiosos da hermenêutica, “esse tipo de análise é considerado, atualmente, ultrapassado, uma vez que as ‘fontes’ humanas do AT são muito mais complexas e difíceis de recuperar ou identificar do que uns poucos documentos escritos.”<sup>78</sup> Mas não podemos desprezar o seu papel, pois é provável que muitos livros bíblicos “podem não ter sido trabalho de um só autor, mas produto de muitas mãos que cuidadosamente compilaram e editaram o material.”<sup>79</sup>

Adotar os pressupostos da crítica da fonte pode levar a conclusões diversas em relação aos textos e à formulação de várias hipóteses, dentre as mais conhecidas, destacamos a hipótese documentária que dividiu o Pentateuco em quatro partes. “Os críticos de fontes tendem a se concentrar principalmente em fontes escritas. A identificação das fontes orais é tarefa da crítica da forma.”<sup>80</sup> Que pode ser utilizada como um instrumento para ajudar a superar os limites da crítica da fonte.

#### 2.2.4 – Crítica da forma

O método da crítica da forma é um desenvolvimento do século XX. Mas seus fundamentos são encontrados nos primeiros estudos críticos que foram realizados sobre os evangelhos e a vida de Jesus. “A crítica das fontes do século XIX preparou assim o caminho para a crítica da forma do século XX.”<sup>81</sup> (Tradução nossa). Pois as origens da crítica da forma estão relacionadas ao estudioso do Antigo Testamento Hermann Gunkel (1862-1932), “cujo trabalho foi ao mesmo tempo uma resposta à crítica da fonte de Wellhausen e uma adaptação dos estudos do folclore para os

---

<sup>77</sup> “Gunkel did present source-critical analyses in his commentary on Genesis, but he warned that they are uncertain.” BUSS, Martin J. *Biblical Form Criticism in Its Context*. A&C Black, 1999. p. 214.

<sup>78</sup> STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de Exegese Bíblica*. Trad. Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 145.

<sup>79</sup> BRAY, 2017, p. 27.

<sup>80</sup> “Source critics have tended to focus primarily on written sources. The identification of oral sources is the task of form criticism.” LAW, 2012, p. 114.

<sup>81</sup> “The source criticism of the nineteenth century thus prepared the way for the form criticism of the twentieth century.” MCKNIGHT, Edgar. *What is form criticism?*. Philadelphia: Fortress Press, 1969, p. 3.

materiais bíblicos.”<sup>82</sup> (Tradução nossa). Gunkel percebeu que o estudo de Wellhausen sobre o Pentateuco, dividindo-o em quatro fontes, negligenciava que Israel era uma sociedade primitiva oral e que por trás dessas fontes havia uma tradição que precisava ser considerada. Embora Gunkel “tenha herdado de Wellhausen a ideia de que histórias individuais orais estão por trás da narrativa de gêneses”<sup>83</sup> (tradução nossa), Gunkel as relacionou a um círculo de concepção, ou tradição, transcendendo a visão de Wellhausen. Logo, essa tradição teria sofrido alterações ao longo de sua história de transmissão, assim como todas as coisas estão sujeitas à lei universal da mudança. Nas palavras de Hermann Gunkel, “quando uma nova geração chegou, quando as condições externas mudaram ou os pensamentos dos homens mudaram, seja na religião ou ideais éticos ou gosto estético, a lenda popular não pode permanecer a mesma.”<sup>84</sup> (Tradução nossa)

Este aspecto de mudança do folclore popular influenciou a confecção dos textos. Era “essencial para o projeto de Gunkel identificar a forma de cada unidade de tradição individual para que seu gênero pudesse ser corretamente identificado e então anexado a uma situação histórica.”<sup>85</sup> (Tradução nossa). Para identificar essas unidades individuais de tradição, Gunkel usou três índices ou ferramentas: “Humor, forma e Sitz im Leben.”<sup>86</sup> (Tradução nossa). O humor se referia a motivações afetivas que inspiraram a tradição, a forma e a estrutura do discurso, e o Sitz im Leben se referia ao lugar vivencial de criação desses textos. O Sitz im Leben passou a ocupar o centro principal dessa análise, porque a história era o interesse principal dos primeiros críticos da forma.

A crítica da forma busca descobrir qual era o uso que as pessoas faziam dessas fontes, ainda em sua forma pré-literária. O uso regular dessas fontes dentro de um determinado contexto teria dado origem ao gênero literário. “Podemos ressaltar que este lugar vivencial que chamamos Sitz im leben dedicou-se,

---

<sup>82</sup> “Whose work was at the same time a critical response to the source criticism of Wellhausen and an adaptation of folklore studies to the biblical materials.” PORTER, 2007, p. 111.

<sup>83</sup> “Furthermore, Gunkel took over from Wellhausen the idea that individual oral stories lay behind the Genesis narrative.” BUSS, 1999, p. 214.

<sup>84</sup> “When a new generation has come, when the outward conditions have changed or the thoughts of men have altered, whether it be in religion or ethical ideals or aesthetic taste, the popular legend cannot permanently.” GUNKEL, Hermann. *The legends of Genesis: The biblical saga and history*. New York: Schocken Books, 1966, p. 98.

<sup>85</sup> “Essential to Gunkel’s project was to identify the form of each individual tradition unit so that its genre might be correctly identified and then attached to a historical situation.” PORTER, 2007, p. 112.

<sup>86</sup> “Mood, form, and Sitz im Leben.” PORTER, 2007, p. 112.

exclusivamente, à determinação do lugar de atividade social religiosa.”<sup>87</sup> Dentro dessa perspectiva, o objetivo dessa determinação seria encontrar as atividades religiosas praticadas pelas comunidades que foram a motivação para a origem dos gêneros e formas dos textos bíblicos.

Quando se trata do social dentro dessa perspectiva ou do espaço de uso dessas fontes, está-se referindo somente ao local de reunião da comunidade religiosa. Logo, este estudo não visa “determinar que lugar social dentro da economia e sociedade ocupavam os cristãos e as pessoas ou grupos em geral retratados nos textos,”<sup>88</sup> mas utiliza-se como ponto de análise o contexto da comunidade religiosa ou espaço religioso, mais especificamente o culto, como se ele fosse autônomo e não sofresse influências do contexto em que está inserido. Temos essa crítica em Gottwald sobre esse importante aspecto da crítica da forma:

Enquanto um só aspecto do sistema social, o culto propendeu a ser tratado pelos críticos das formas como uma entidade autônoma com pouca referência à organização social, à política, à economia e ao simbolismo comunal.<sup>89</sup>

O lugar vivencial estudado pela crítica da forma ignora aspectos importantes que podem exercer influência sobre a comunidade religiosa, como o contexto econômico, político e a própria sociedade em que está a comunidade. Fernando Belo corrobora com este ponto quando afirma:

Contudo, não tenho encontrado um capítulo, nem sequer um único parágrafo, que trate desta pertença a uma classe, da situação econômica e política das igrejas primitivas [...] Quando se sabe que toda exegese contemporânea se banha nas águas da Formgeschichte, cujo método ressalta o “lugar vivencial” das comunidades cristãs, este descuido e esta ignorância do elemento econômico deste “lugar” como se não fosse “vital” justifica por si só que se fale de uma exegese burguesa.<sup>90</sup>

Fernando Belo, em sua crítica a este passo do Método Histórico-Crítico, chama a análise da forma de uma abordagem burguesa, pois identifica uma negligência com questões importantes dentro de um contexto social, como, por exemplo, a economia. Entretanto, é de grande valor o uso da crítica da forma para uma análise do texto bíblico, inclusive conhecer os seus limites e perceber que não

---

<sup>87</sup> BELO, apud WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. In: *Mosaicos da Bíblia*, n.12. São Paulo: CEDI, 1993. p. 22.

<sup>88</sup> WEGNER, 1993, p. 22.

<sup>89</sup> WEGNER, 1993, p. 22.

<sup>90</sup> WEGNER, 1993, p. 22.

é o seu objetivo conhecer o ambiente social do texto bíblico em sua plenitude e que o seu emprego na exegese pode ser suplementado com outras ferramentas de análise que possam contribuir com a compreensão e reconstrução do contexto social de forma mais geral e seus desdobramentos.

A orientação sociológica utilizada pela crítica da forma perdeu de vista ou ignorou o papel dos autores no registro das tradições evangélicas. “A crítica da redação respondeu a essa falha básica da crítica da forma”<sup>91</sup> (tradução nossa), pois considera os autores bíblicos como “possuindo suas próprias ênfases teológicas ao invés de simplesmente ‘cortar e colar’ textos das tradições do Evangelho.”<sup>92</sup> (Tradução nossa). Isso ressalta a importância do uso das ferramentas do método em conjunto, ou ainda, com outros métodos que possam suplementar sua aplicação no exercício da interpretação do texto.

### 2.2.5 – Crítica da redação

O termo “crítica da redação” é uma tentativa de representar a palavra alemã *Redaktionsgeschichte*, que está interessada em buscar estudar a motivação teológica de um autor bíblico. “Pois, isso é revelado na coleta, arranjo, edição e modificação de material tradicional e na composição de novo material ou na criação de novas formas dentro das tradições do cristianismo primitivo.”<sup>93</sup> (Tradução nossa). O exegeta, através da crítica da redação, toma como ponto de partida a forma do texto, que foi identificada pela crítica da forma, e a partir daí investiga a atividade realizada pelo editor, que pode ter utilizado mais de uma fonte, criado material ou editado o material existente segundo a sua intenção teológica ou objetivo ao compor o texto. A crítica da tradição é retratada por Albert Schweitzer como a busca por um

---

<sup>91</sup> “Redaction criticism responded to this basic flaw of form criticism.” STEIN, Robert H. *Gospels and tradition: Studies on redaction criticism of the synoptic Gospels*. Grand Rapids: Baker Book House, 1991. p. 13.

<sup>92</sup> “Possessing their own theological emphases rather than simply “scissors and paste” editors of the Gospel traditions.” STEIN, 1991, p. 13.

<sup>93</sup> “This is revealed in the collection, arrangement, editing, and modification of traditional material, and in the composition of new material or the creation of new forms within the traditions of early Christianity.” PERRIN, Norman. *What is redaction criticism?*. Philadelphia: Fortress Press, 1978. p. 1.

“elemento criativo na tradição”<sup>94</sup>(tradução nossa), que é resultado da atividade do redator.

A crítica da redação “começou no final dos anos de 1950 com três alunos de Bultmann: Günther Bornkamm (Mateus), Willi Marxsen (Marcos), Hans Conzelmann (Lucas), principalmente por causa da visão recorta e cola da crítica da forma.”<sup>95</sup> O papel desempenhado pela crítica da redação é focar no trabalho final do redator que fixou o texto na sua forma atual. E tem como objetivos identificar o autor do texto, as circunstâncias de sua confecção, os destinatários, analisar se o texto forma uma unidade textual e se houve intervenções no texto. No que se refere às questões de autoria, encontramos muitas dificuldades, uma vez que a maioria dos textos é considerada anônima ou tem a sua autoria questionada. Através dessa análise, procura-se pela intenção do redator, seu vocabulário, seu estilo, sua teologia e quais as fontes que foram utilizadas na confecção do texto.

No que se refere aos limites da crítica da redação, destacamos a dependência textual, em especial para o estudo da redação dos evangelhos e de suas fontes, “o principal ponto em discussão que expõe toda a fraqueza da crítica da redação é o fato dela, a exemplo da crítica literária e da crítica da forma, depender muito da idéia de fontes escritas, dando pouca expressão a fontes orais.”<sup>96</sup>

Isso acontece porque a crítica da redação parte do pressuposto de que os textos bíblicos foram confeccionados apenas a partir de textos escritos, deixando de lado a importância da tradição oral. Logo, o papel dos redatores teria sido apenas de reunir fragmentos de textos e compilar de acordo com seus objetivos. Esta preocupação ou “ênfase na confecção, ou seja, junção de textos e foco nas possíveis fontes que o teriam originado, é característica dessa ferramenta de análise, o que despreza a forma final do texto.”<sup>97</sup> Há outras perspectivas que podem complementar o uso da crítica da redação, dentre elas podemos citar o conceito de memória social, cujo objetivo seria fazer uma intersecção entre a oralidade e a textualidade, que poderia preencher essa lacuna deixada pela crítica da redação.

---

<sup>94</sup> “Creative element in the tradition.” SCHWEITZER, Albert. *The quest of the historical Jesus: A critical study of its progress from Reimarus to Wrede*. Great Britain: A. & C. Black, 1910, p. 24.

<sup>95</sup> OSBORNE, 2000, p. 256.

<sup>96</sup> CARNEIRO, Marcelo da Silva. Nova abordagem para a crítica da redação: A Memória social como referência em lugar da dependência textual. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.59, n.2, p. 340-355, jul-dez. 2019. p. 343.

<sup>97</sup> OSBORNE, 2000, p. 272.

Além disso, seria necessário aliar aos estudos das fontes textuais o estudo das fontes orais através das tradições e um cuidado maior com a forma final do texto.

### 2.2.6 – Crítica da tradição

A crítica da tradição está relacionada ao pano de fundo cultural dos textos bíblicos, diferente da crítica da redação, que foca no papel dos redatores do texto, a crítica da tradição mantém o seu foco no conteúdo da tradição durante sua transmissão na sua fase oral. Segundo Egger,

a crítica da tradição, ou melhor, do processo de tradição, investiga a pré-história oral dos textos neotestamentários. Pretende redescobrir as modificações que os textos, originalmente em circulação sob a forma de perícopes isoladas, sofreram no curso da transmissão oral, como também conhecer os grupos de tradentes responsáveis por tais reelaborações.<sup>98</sup>

A crítica da tradição parte do pressuposto de que, antes da confecção dos textos, eles eram transmitidos através da oralidade durante um longo período, ou seja, “a tradição geralmente precede o texto, e essa tradição, assim como o próprio texto canonizado, posteriormente tem uma história.”<sup>99</sup> (Tradução nossa). A eles teriam sido incorporados elementos que não fazem parte das narrativas originais e que ajudaram a construir a tradição como posteriormente a conhecemos após a sua fixação por escrito, pois “uma tradição é ‘viva’, em desenvolvimento, maleável e apenas relativamente estável; pode ser alterada e reinterpretada para atender às necessidades de seus transmissores.”<sup>100</sup> (Tradução nossa). O objetivo desta análise é identificar os elementos que foram utilizados pelos autores. Segundo Silva,

trata-se de um trabalho de certa forma paralelo ao da crítica dos gêneros literários, mas com o particular de retroceder ainda mais e incluir também elementos pré-codificados (expressões, imagens, temas e motivos), que já haviam atingido um estágio de fixação antes de serem utilizados pelo hagiógrafo<sup>101</sup>.

<sup>98</sup> EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 166.

<sup>99</sup> “Tradition generally preceded text, and this tradition—just as the later canonized text itself—has a history.” KNIGHT, Douglas A. Tradition History. In: *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 6. New York: Doubleday, 1992. p. 634.

<sup>100</sup> “A tradition is “living,” developing, malleable, and only relatively stable; it can become changed and reinterpreted to meet the needs of its transmitters.” KNIGHT, A. Douglas. *Rediscovering the Traditions of Israel*. [S.L.]: Scholars Press and the Society of Biblical Literature, 2006. p. 21.

<sup>101</sup> SILVA, 2000, p. 242.

O alvo da crítica da tradição é identificar expressões, imagens, temas, motivos que possam estar registrados em textos antigos do mesmo período ou na própria Bíblia e analisar o uso que o autor sagrado faz desses elementos. O autor pode fazer uso de uma ideia que é utilizada no seu contexto histórico e reproduzir em seus textos. Isto pode incluir ainda conceitos e ensinamentos. A metodologia dessa abordagem “consiste basicamente em relacionar ideias em textos distantes, de outras épocas ou de outras culturas.”<sup>102</sup> Não podemos deixar de destacar que é possível que, mesmo que o autor faça uso de um elemento comum à sua época, ele pode ter feito alterações no emprego ou aplicação, uma vez que

elementos provenientes da tradição podem ser modificados na fase da redação. Com efeito, o redator, ao assumir um motivo tradicional e inseri-lo num determinado ponto de sua fonte, modifica a ambos, motivo tradicional e fonte, segundo sua teologia.<sup>103</sup>

Segundo Vansina, “as fontes orais e escritas diferem quanto à subjetividade do codificador da mensagem. As fontes orais são intangíveis, as fontes escritas são tangíveis.”<sup>104</sup> (Tradução nossa). A importância dessa definição é que as fontes tangíveis têm mais possibilidade que as fontes intangíveis de permanecerem inalteradas ao longo do tempo. Logo, “a história oral e a tradição oral são as únicas entre elas que são também mensagens. Isso significa que elas acumulam interpretações conforme estão sendo transmitidas.”<sup>105</sup> (Tradução nossa). Dentro dessa perspectiva, podemos localizar a tarefa da crítica da tradição, que visa mapear essa evolução da tradição e situá-la em determinado tempo histórico.

Dentre os benefícios da crítica da redação, está a consciência de que o Antigo Testamento é mais que uma composição ou compilação de um escriba, mas reúne experiências, interpretações e reflexões de uma comunidade de fé que fez parte da história de desenvolvimento desse texto. Ela revela a profundidade de uma unidade textual que está relacionada ao tempo, ao espaço e à intenção de composição desses escritos, bem como o “reconhecimento da importância do

---

<sup>102</sup> CASAGRANDE, Wellington. *Métodos de interpretação Bíblica*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020. p. 61.

<sup>103</sup> SILVA, 2000, p. 241.

<sup>104</sup> “Oral and written sources differ with regard to the subjectivity of the encoder of the message. Oral sources are intangible, written sources are tangible.” VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press, 1990. p. 195.

<sup>105</sup> “Oral history and oral tradition are the only ones among them which are also messages. That means that they accumulate interpretations as they are being transmitted.” VANSINA, 1990, p. 195.

processo de reatualização e reinterpretação e sua relevância para as épocas posteriores, inclusive para os dias de hoje.”<sup>106</sup> (Tradução nossa). Portanto, torna-se valioso o estudo da história da tradição dos textos tendo em vista fornecer ao exegeta as condições necessárias ao desempenho de sua tarefa.

Portando, cada passo metodológico do Método Histórico-Crítico contribui para um maior aprofundamento das informações acerca do texto e na busca pela intenção do autor à luz do seu contexto histórico. Esses passos exegéticos ou Metodologia Histórico-Crítica foram desenvolvidos e aplicados com base em pressupostos e/ou concepções ideológicas e filosóficas que pretendemos expor a seguir.

---

<sup>106</sup> “Recognition of the importance of the reactualization and reinterpretation process and its relevance for later ages, even for today.” KNIGHT, 2006, p. 25.



### 3 - OS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O Método Histórico-Crítico possui um conjunto de premissas ou pressupostos que dão suporte à sua prática exegética. Entretanto, isto é, para muitos, algo controverso, pois “seus proponentes clássicos o consideraram como algo sem pressuposições, método objetivo e científico preocupado com os ‘fatos’ que podem ser extraídos do texto.”<sup>107</sup> (Tradução nossa). Mas uma análise mais detalhada pode revelar que o método não é objetivo ou neutro. Ernst Troeltsch tinha esse conselho incisivo para oferecer à igreja: “Método histórico, uma vez aplicado à ciência bíblica e história da igreja, é como um fermento que tudo altera e finalmente rompe toda a estrutura dos métodos teológicos usados até agora.”<sup>108</sup> (Tradução nossa). Esta frase pode mostrar bem o impacto do método aos estudos bíblicos e é bastante válido o estudo dos princípios que regem e orientam a Metodologia Histórico-Crítica, sendo de grande valor “o ensaio de Ernst Troeltsch *On Historical and Dogmatic Method in Theology* (1898), que formulou os princípios da crítica histórica. O ensaio ainda assombra a teologia.”<sup>109</sup> (Tradução nossa). Nesta obra Ernst Troeltsch afirma que o método histórico possui três princípios: “(1) O princípio da crítica ou dúvida metodológica, que implica que a história só atinge a probabilidade.”<sup>110</sup> (Tradução nossa). Isto quer dizer que não podemos afirmar a verdade dos fatos históricos, mas apenas a sua probabilidade em menor ou maior grau.

Em seguida temos: “(2) O princípio da analogia torna a crítica possível. A experiência e a ocorrência presentes tornam-se os critérios de probabilidade no passado.”<sup>111</sup> (Tradução nossa). Com este princípio é defendido que um fato do passado só pode ser atestado como provável a partir de fatos que fazem parte de

---

<sup>107</sup> “Its classic proponents have regarded it as a presuppositionless, objective, scientific method concerned with the ‘facts’ that can be elicited from the text.” LAW, 2012, p. 20.

<sup>108</sup> “Ernst Troeltsch had this trenchant counsel to offer the church: “Historical method, once applied to biblical science and church history, is like a leaven that alters everything and finally bursts the entire structure of theological methods used up to now.” HARRISVILLE et al, 2002, p. 12.

<sup>109</sup> “Ernst Troeltsch’s essay *On Historical and Dogmatic Method in Theology* (1898) formulated the principles of historical criticism. The essay still haunts Theology.” KRENTZ, 1975, p. 55.

<sup>110</sup> “The principle of criticism or methodological doubt, which implies that history only achieves probability.” KRENTZ, 1975, p. 55.

<sup>111</sup> “The principle of analogy makes criticism possible. Present experience and occurrence become the criteria of probability in the past.” KRENTZ, 1975, p. 55.

nossa experiência presente. Logo, se não acontece hoje, não aconteceu no passado. E “(3) O princípio da correlação (ou interdependência mútua) implica que todos os fenômenos históricos estão tão inter-relacionados que uma mudança em um fenômeno requer uma mudança nas causas e nos efeitos que ele tem.”<sup>112</sup> (Tradução nossa). Este princípio afirma que os fatos históricos são tratados como relação de causa e efeito, ou seja, todos os fenômenos históricos devem ser explicados por suas causas, dentro de seu tempo e espaço, pois são historicamente condicionados.

Segundo Barton,

esses princípios envolvem abordar narrativas históricas com uma crença fixa que eles devem ser tratados com ceticismo, que não podemos acreditar em nada neles que não é encontrado na vida cotidiana (o que exclui milagres, por exemplo) e que nenhum evento histórico pode operar fora do contexto “normal” de causa e efeito.<sup>113</sup> (Tradução nossa).

Podemos ver nestes princípios elencados por Troeltsch que o Método Histórico-Crítico assume premissas ideológicas e está de pleno acordo com as visões de mundo propagadas pelo racionalismo, iluminismo alemão e deísmo inglês. “O método histórico é filho do Iluminismo.”<sup>114</sup> (Tradução nossa). Estas premissas demonstram que “a visão historicista, modelada nas leis da ciência da natureza, se expressa na exclusão de Deus como causa fator e na negação da possibilidade de milagre.”<sup>115</sup> (Tradução nossa). Logo, o sobrenatural é banido do texto bíblico e interpretado de acordo com uma visão racionalista do mundo. Segundo Law,

há, portanto, um preconceito a favor de explicações naturais sobre explicações sobrenaturais entre historiadores modernos. Estabelecer “o que realmente aconteceu” significa, portanto, buscar um relato dos eventos descritos na Bíblia que seja compatível com a moderna compreensão científica e histórica da realidade.<sup>116</sup> (Tradução nossa).

---

<sup>112</sup> “The principle of correlation (or mutual interdependence) implies that all historical phenomena are so interrelated that a change in one phenomenon necessitates a change in the causes leading to it and in the effects it has.” KRENTZ, 1975, p. 55.

<sup>113</sup> “These principles involve approaching historical narratives with a fixed belief that they should be treated skeptically, that we can believe nothing in them that is not encountered in ordinary life (which rules out miracles, for example), and that no historical events can operate outside the ‘normal’ context of cause and effect.” BARTON, 2007, p. 46.

<sup>114</sup> “Historical method is the child of the Enlightenment.” KRENTZ, 1975, p. 55.

<sup>115</sup> “The historicist view, modeled on the laws of natural science, expresses itself in the exclusion of God as a causative factor and in the denial of the possibility of miracle.” KRENTZ, 1975, p. 55.

<sup>116</sup> “There is thus a prejudin favour of natural explanations over supernatural explanations among modern historians. Establishing ‘what really happened’ thus means searching for an account of the

Este pressuposto levará a exegese por uma linha de orientação que sempre buscará encontrar uma explicação natural para eventos que dentro dessa perspectiva de análise do texto bíblico não podem ter acontecido, dado o seu caráter sobrenatural.

### **3.1 - AS CONTRIBUIÇÕES DO RACIONALISMO À FORMAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO**

O racionalismo surge em meados do século XVII e tem como ideia central a crença na razão como a única capaz de obter o conhecimento verdadeiro. “Esta corrente filosófica foi de vital importância para o desenvolvimento do Método Histórico-Crítico.”<sup>117</sup>

Dentre as principais ideias defendidas pelo racionalismo que influenciaram na formação do Método Histórico-Crítico, temos:

#### **3.1.1 - A razão é o critério de análise do meio natural**

Isso se refere à capacidade que a razão possui de executar juízos críticos sobre as coisas referentes ao mundo ou à realidade exterior. “Os racionalistas eliminaram da equação o pecado e a queda e enfatizaram que o uso correto da razão não era só possível, mas essencial”<sup>118</sup> para se obter o conhecimento verdadeiro, indo de encontro a posições que afirmavam que, com a queda e a entrada do pecado no mundo, essa faculdade teria ficado obscurecida, sendo, então, necessária a revelação para o conhecimento da verdade. Essa posição em relação à razão e à rejeição da revelação buscará eliminar o caráter de transcendência da religião e voltar-se para uma realidade imanente, ou seja, uma religião natural.

Vemos isso claramente em Kant, pois, para ele, “a verdadeira religião é universal e natural. Ela não é baseada em uma revelação particular ou histórica,

---

events described in the Bible that is compatible with the modern scientific and historical understanding of reality.” LAW, 2012, p. 23.

<sup>117</sup> BRAY, 2017, p. 251.

<sup>118</sup> BRAY, 2017, p. 252.

mas, ao contrário, na própria natureza da vida humana.”<sup>119</sup> Logo, dentre as “muitas áreas em que a influência do pensamento racionalista foi sentida, a alta crítica das Escrituras é certamente uma das mais relevantes para o estudo das tendências teológicas contemporâneas.”<sup>120</sup> Por exemplo, Espinoza rejeitava a inerrância das escrituras e a natureza proposicional da revelação especial.<sup>121</sup> Essa forma de ver a religião patrocinada pelo racionalismo irá despi-la de seu caráter histórico, e assim “o cristianismo se tornou, com isso, um puro deísmo.”<sup>122</sup> Além de influenciar a interpretação bíblica, irá culminar com a negação da inspiração da Bíblia, rejeitando quaisquer elementos transcendentais ou considerados como espirituais. Essa dessacralização do texto bíblico é uma contribuição do racionalismo ao Método Histórico-Crítico.

### **3.1.2 - O universo é construído segundo princípios racionais conhecidos como leis científicas**

Essa ideia terá um grande impacto no contexto religioso do século XVII e posteriores, pois faz uma leitura do mundo alicerçando-o em leis racionais, reduzindo a realidade a uma construção racional, rejeitando qualquer elemento sobrenatural ou que possa escapar ao entendimento humano. Essas leis científicas seriam então utilizadas em todos os campos como o critério de validação para a verdade, levando à rejeição de tudo aquilo que não pode ser explicado dentro de seus enunciados, um exemplo seriam os milagres da Bíblia. “Os racionalistas passaram a acreditar que o universo era um sistema fechado, que funcionava de acordo com suas próprias leis internas e não estava sujeito à intervenção de forças externas.”<sup>123</sup>

O mundo dentro de uma perspectiva racionalista não pode fugir às leis estabelecidas pela natureza. Por exemplo, os milagres não seriam possíveis. Segundo Espinoza, “os milagres, caso sejam definidos como eventos que quebram

---

<sup>119</sup> GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: da reforma protestante ao século 20*. 1 ed. São Paulo. Cultura cristã, 2004. p. 347.

<sup>120</sup> REID, W.S. Calvinismo. In: ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 227.

<sup>121</sup> REID, 2009, p. 227.

<sup>122</sup> HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991. p. 75.

<sup>123</sup> BRAY, 2017, p. 252.

as leis da natureza, não ocorrem.”<sup>124</sup> Essa ideia racionalista, que enfatiza o universo regido por leis imutáveis, será desenvolvida pelo deísmo, que em

fins do século XVIII e no século XIX restringe o significado à crença num Deus ou Primeira Causa, que criou o mundo e instituiu leis imutáveis e universais que excluem qualquer alteração, bem como qualquer forma de imanência divina.<sup>125</sup>

Essa visão mecanicista do mundo, bastante presente na física newtoniana, vai fornecer ao Método Histórico-Crítico o pressuposto de que, aquilo que encontramos na Bíblia que fuja às leis da natureza, deve ser considerado como mito ou uma adequação dos ensinamentos religiosos às crenças dos destinatários primários dos textos bíblicos. Semler, considerado o pai do Método Histórico-Crítico, “estava ressuscitando a antiga ideia de adequação, segundo a qual Deus se adaptou à fraqueza e limitações humanas em sua revelação a nós.”<sup>126</sup>

### **3.1.3 - O universo tem um criador, do mesmo modo que um relógio tem um criador, e todas as religiões afirmam isso**

Levando em consideração a relação de causa e consequência, não seria razoável negar que diante da criação não existisse um criador. Portanto, “os racionalistas chamavam esse criador de Ser Supremo. Se essa pessoa (ou coisa) podia ser identificada com o Deus da Bíblia, era uma questão mais difícil.”<sup>127</sup> A questão a ser destacada é que a Bíblia é colocada em igualdade com os livros das demais religiões que também afirmam a existência de um ser supremo. A presença de textos em que a luz da moral racionalista não poderia ser atribuída ao Ser supremo não colaborava muito com a elevação da Bíblia à “categoria” de um livro inspirado por Deus ou portador de uma revelação divina.

Os críticos racionalistas se deleitavam em mostrar o que para eles eram “erros” na Bíblia, mas é necessário lembrar que não estavam interessados nesses erros como estudiosos. Seus alvos eram mais filosóficos, e eles usavam evidências desse tipo para ter o prazer de demonstrar que não era possível confiar na Bíblia.<sup>128</sup>

---

<sup>124</sup> REID, 2009, p. 227.

<sup>125</sup> MACDONALD, M. H. Deísmo. In: ELWELL, 2009, p. 403.

<sup>126</sup> BRAY, 2017, p. 257.

<sup>127</sup> BRAY, 2017, p. 252.

<sup>128</sup> BRAY, 2017, p. 253.

Essa forma racionalista de abordar o texto bíblico fornecerá como pressuposto ao Método Histórico-Crítico uma atitude de dúvida e desconfiança com as informações transmitidas pela Bíblia, uma vez que, “na história da interpretação bíblica, o racionalismo é importante, sobretudo por ter lançado as sementes da dúvida em mentes que antes aceitavam a ortodoxia (em suas formas católica ou protestante) sem questionamentos.”<sup>129</sup>

Contudo, dentro dessa perspectiva, a Bíblia perde o seu caráter de autoridade normativa e tudo o que ela afirma precisa ser levado ao tribunal da razão e questionado, dessa forma a Bíblia perde o seu status de única portadora da revelação de um Deus transcendente para a sua criação. Essa nova postura diante do texto bíblico terá um impacto muito grande em sua interpretação, pois, não só serão empregadas ao estudo da Bíblia novas ferramentas, mas a Escritura perde o seu caráter singular e torna-se um texto como o das demais religiões ou demais obras da antiguidade. Essa perda de singularidade não é um problema ao método, pois seu objetivo é apenas compreender o significado do texto à luz do seu contexto original, a contextualização da mensagem bíblica perde o peso de relevância por não tratar-se mais de um texto normativo, mas de uma obra que algumas de suas passagens podem “inspirar” comportamentos morais que estão em perfeita harmonia com a moral racionalista.

### **3.1.4 - O dever de todos é viver uma vida moral**

É possível definir moralidade como adequação às leis da natureza, no que agora seria chamado de “autointeresse esclarecido.”<sup>130</sup> Esse é um dos elementos que podemos ver claramente na filosofia de Emanuel Kant. “Numa maneira tipicamente racionalista, Kant vê a religião como tendo a única função de assistir a vida moral”<sup>131</sup> e, segundo o racionalismo, “os princípios morais não são o resultado de uma revelação, mas têm origem na própria estrutura do raciocínio do homem.”<sup>132</sup> Sendo assim, o objetivo da religião seria aperfeiçoar o homem moralmente.

Nessa mesma linha moralizante, também se enquadra o racionalismo neologista de Johann Semler (1725-1791), que afirmou: “Em contraste com

---

<sup>129</sup> BRAY, 2017, p. 253.

<sup>130</sup> BRAY, 2017, p. 252.

<sup>131</sup> GONZALES, 2004. p. 347.

<sup>132</sup> MACDONALD, 2009. p. 403.

a teologia, existe a religião, que significa a piedade viva que coincide com a consciência religiosa universal.”<sup>133</sup>

Essa ênfase no aspecto moral fornecerá o pressuposto de que a Bíblia deve ser utilizada com o objetivo de apenas aperfeiçoar moralmente, linha que Semler trilhará levando-o a definir a palavra de Deus como uma verdade moral atemporal. Essa forma de abordagem é consequência de uma visão puramente história dos textos bíblicos, pois

a retirada via jugular, do cerne histórico e inserção do caráter racional, tal como a erradicação do caráter revelatório dos textos sagrados, fazem com que tais textos tenham uma nova hermenêutica, uma que limite as ações relatadas ao possível dentro do plano racional. Os milagres, como coloca o poeta aqui tratado e em exemplo, eram uma espécie de anúncio e só haviam de ser necessários em tempos de superstição, pois o caráter moral do cristianismo, dentro de um contexto racional, é o que deve ser preservado e exaltado.<sup>134</sup>

O caráter moral do cristianismo é o único aspecto que sobrevive ao crivo da razão e para isso é necessária a utilização de uma hermenêutica que se enquadre dentro dessa perspectiva. Com a sobrevivência apenas do caráter moral do cristianismo, temos em seguida uma atitude de busca pela purificação dos elementos que são considerados imorais dentro da Bíblia.

### **3.1.5 - A religião e a Bíblia precisam ser purificadas de elementos imorais**

Diante da nova forma de tratamento dispensada ao texto bíblico, as passagens que se chocavam com a moral racionalista são rejeitadas, isto irá produzir uma Bíblia fragmentada, onde o objetivo da interpretação será voltado para a identificação do que é realmente parte da revelação, separando-o dos elementos culturais que estão envolvendo o cerne da revelação bíblica. A perspectiva é que a palavra de Deus estaria envolvida em um emaranhado de erros e, portanto, precisava de uma análise minuciosa para ser purificada.

[...] a descrição bíblica de Javé estava longe de ser satisfatória. Fora os erros que poderiam ser atribuídos às limitações humanas dos autores

<sup>133</sup> COSTANZA, José Roberto da Silva. As raízes históricas do liberalismo teológico. *Fides Reformata*, São Paulo, ano X, n. 1, p. 79-99, 2005. p. 36.

<sup>134</sup> LAPA, Rafael Santos. A transformação do teísmo protestante em deísmo na Alemanha de Heine. *Caderno do Pet filosofia*. n. 6, p. 10-17, Jul-dez, 2012. p. 15.

bíblicos, havia sérias dúvidas morais a respeito da conveniência de identificar Javé como o Ser Supremo.<sup>135</sup>

Segundo essa visão, existiria um cânon normativo dentro do cânon formal das escrituras. Semler usa

várias expressões para deixar claro que a expectativa judaica e a demanda por milagres devem ser consideradas um pensamento primitivo ativo. Segundo ele, a apreciação judaica de milagres é uma “Mentalidade” (Denkungsart) que é “pequena” e “muito imoral.”<sup>136</sup> (Tradução nossa).

Semler, em sua teoria da acomodação, que vamos discutir mais adiante, afirma que Jesus e seus apóstolos conscientemente usaram as tradições e folclore de sua época para expressar seus ensinamentos, levando as pessoas a acreditar em coisas que não eram verdadeiras. E afirma que milagres são “para as crianças imorais, para aqueles que estão mentalmente indispostos.”<sup>137</sup> (Tradução nossa).

A partir daí, temos uma abertura a uma busca intensa pela verdade registrada na Bíblia, envolvida por uma espécie de casca, que seriam os diversos fatores que estavam envolvendo os textos. Esse pressuposto de que a verdade encontrada na Bíblia precisa ser extraída de tradições, folclore popular, erros de copistas, irá subsidiar as ideias posteriores de demitização da Bíblia e entrar em choque com as doutrinas de infalibilidade e inerrância bíblicas. Isso leva o exegeta histórico-crítico a abordar o texto bíblico em busca de um significado que não pode ser encontrado em sua superfície, apenas após um longo estudo das possíveis tradições envolvidas na formação do texto, fontes utilizadas, contribuição de redatores, múltiplas autorias etc.

Dentro dessa perspectiva de purificação dos textos bíblicos, podemos destacar o trabalho de Rudolf Bultmann, que, assumindo esses mesmos pressupostos, tenta desenvolver o processo de demitização da Bíblia.

A tese de Bultmann é de que a humanidade contemporânea, que depende de um conceito científico do mundo, não pode aceitar o conceito mitológico do mundo expresso na Bíblia. O mito para ele é o emprego de símbolos linguísticos ou de figuras de linguagem para conceituar o divino ou aquilo que é transcendente. Assim, ideias como a transcendência de Deus ou o céu e inferno são descritas em termos espaciais que pertencem a uma

<sup>135</sup> BRAY, 2017, p. 252.

<sup>136</sup> “Semler then uses several expressions to make clear that the Jewish expectation of and demand for miracles is to be considered primitive thinking. According to him, the Jewish appreciation of miracles is a “mentality” (Denkungsart) that is “small” and “very immoral.” PASCHKE, 2016, p. 124.

<sup>137</sup> “[...] for the immoral children, for those who are mentally incompet.” PASCHKE, 2016, p. 125.

antiga Weltanschauung (conceito do universo ou da realidade). Para Bultmann, as implicações éticas de "acima" e "abaixo" são inaceitáveis à mente científica moderna.<sup>138</sup>

Podemos então perceber que essa forma de análise racional dos textos favorecerá interpretações que vão sempre de encontro ao caráter histórico das narrativas bíblicas. Embora, quando falamos em purificação em Bultmann nos referindo aos elementos que ele considera mitológicos, devemos destacar que ele não desejava extirpá-los da Bíblia, mas reinterpretá-los. De qualquer forma, fica clara a intenção de ver os textos como sendo invenções mitológicas, e que somente um trabalho de reinterpretação desses elementos ou demitização poderia levar o exegeta a encontrar a verdadeira mensagem dos textos bíblicos.

Sendo assim, a queda de Adão é basicamente uma declaração da pecaminosidade e finitude humanas. O propósito da demitização, portanto, é a reinterpretação das figuras de linguagem bíblicas, de modo que haja compreensão para a mente científica do século XX.<sup>139</sup>

Dentro dessa perspectiva de demitização ou purificação da Bíblia de elementos imorais, devemos pontuar uma diferença marcante entre a posição teológica de Semler e de Rudolf Bultmann. Semler tentou eliminar as passagens “mitológicas” da Bíblia, enquanto Bultmann buscou reinterpretá-las, acreditando que, através dessa reinterpretação, encontraria o real significado da mensagem cristã.

Considerando que Semler simplesmente eliminou ideias mitológicas a fim de encontrar a verdade atemporal, Bultmann as interpretou. Bultmann fez assim porque nessas concepções mitológicas esperava encontrar a verdade e o significado que ainda pode ser relevante e útil para as questões existenciais e problemas do leitor moderno do Novo Testamento.<sup>140</sup> (Tradução nossa).

É possível encontrar em Bultmann uma preocupação em tornar o conteúdo da Bíblia compreensível à mentalidade de sua época, sem, contudo, desprezá-lo, mas propor uma reinterpretação dele.

Essas formulações ou pressupostos oriundos de uma visão de mundo racionalista, que encontrou sua expressão na teologia através do Deísmo, foram as

<sup>138</sup> BORCHERT, G. L. Demitização. In: ELWELL, 2009, p. 404.

<sup>139</sup> BORCHERT, 2009, p. 404.

<sup>140</sup> “Whereas Semler simply eliminated mythological ideas in order to find timeless truth, Bultmann interpreted them. Bultmann did so because in those mythological conceptions he expected to find truth and meaning that might still be relevant and helpful for the existential issues and problems of the modern reader of the New Testament.” PASCHKE, 2016, p. 123.

matrizes de formação do Método Histórico-Crítico. Veremos o triunfo dessa forma de abordagem em um movimento que ficou conhecido como liberalismo teológico.

O Método Histórico-Crítico, além da contribuição do racionalismo aos pressupostos que irão ajudar a formar as bases de fundamentação de sua metodologia, recebeu também influência do teólogo alemão Johann Salomo Semler, que foi um dos nomes mais importantes do racionalismo alemão. Sua proposta de estudo do cânon tornou-se pressuposto importante do Método Histórico-Crítico.

### **3.2 – OS PRESSUPOSTOS DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO ORIUNDOS DO RACIONALISMO TEOLÓGICO DE JOHANN SALOMO SEMLER**

O racionalismo teológico foi o resultado dos princípios da razão aplicados à teologia. Dentro do racionalismo teológico, destacamos a figura do alemão Johann Salomo Semler (1725-1791), que é considerado o pai do Método Histórico-Crítico. Semler nasceu em 18 de Dezembro de 1725 na cidade de Saalfeld, Alemanha, e morreu em 14 de março de 1791 em Halle, Alemanha. Foi considerado também como “o pai do racionalismo alemão.”<sup>141</sup> Estudou na universidade de Halle, desde 1743, filologia clássica, história, lógica, e a partir de 1744, começou a estudar teologia com Siegmund Jacob Baumgarten, “filósofo racionalista que o influenciou e do qual se tornou assistente.”<sup>142</sup> Semler é considerado

o mais importante dos estudiosos da hermenêutica entendida no Iluminismo moderno e no sentido não dogmático. Fundador da teologia histórico-crítica, fez da Bíblia objeto de pesquisa científica para entendê-la de uma forma não dogmática: via-a como um livro feito por homens, um texto histórico, que foi gradativamente adaptando-se também aos preconceitos e superstições da época (todos os elementos locais e temporários, a serem distinguidos dos permanentes da religião), e que, portanto, não tinham a autoridade de inspiração divina.<sup>143</sup>

Semler foi “quem deu ao estudo científico do Novo Testamento o ímpeto mais vigoroso para o seu desenvolvimento.”<sup>144</sup> (Tradução nossa). Ele também teve uma grande influência de seu professor, que era um filósofo racionalista:

<sup>141</sup> SWANNIE, Douglas. SEMLER, Johann Salomo (o Salomon) (1725-1791) e racionalismo teológico. *Dizionario del pensiero cristiano alternativo*, 2018. Disponível em: <http://eresie.com/it/Semler.htm>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

<sup>142</sup> SWANNIE, 2018.

<sup>143</sup> SWANNIE, 2018.

<sup>144</sup> “Who gave the scientific study of the New Testament the more vigorous impetus to further development.” KÜMMEL, 1972, p. 62.

Sob a influência de seu professor em Halle, Siegmund Jacob Baumgarten, ele desenvolveu um conservadorismo racionalista ativo e um interesse histórico aberto a estímulos deístas, a fim de se tornar - após a morte de seu professor - “mais ousado, mais pronto e mais livre na argumentação.” O interesse histórico que Semler assumiu de Baumgarten o levou a interrogar, de um ponto de vista rigorosamente histórico, todas as tradições religiosas, incluindo o Novo Testamento.<sup>145</sup> (Tradução nossa).

Semler é retratado por Eichhorn “como ‘primeiro reformador de nossa teologia moderna’ e o conta entre os teólogos mais importantes de seu século.”<sup>146</sup> (Tradução nossa). Tholuck, em sua análise de Semler, vê sua interpretação em “proximidade com a dos deístas ingleses e, assim, chega à tese de que, com Semler, o racionalismo e o naturalismo encontraram seu caminho na teologia alemã.”<sup>147</sup> (Tradução nossa). No racionalismo teológico de Semler, estão inseridos os pressupostos racionalistas que, através de seu trabalho, foram empregados para constituir a base filosófica e ideológica do Método Histórico-Crítico de interpretação bíblica. Dentro do pensamento de Johann Salomo Semler, destacamos alguns desses pressupostos esposados por ele que foram transferidos à sua investigação bíblica.

### 3.2.1 – O cânon dentro do cânon: a separação entre Palavra de Deus e Escritura

Assumindo como referência este pressuposto, a Bíblia não seria um livro divino ou inspirado por Deus, mas apenas mais um livro como os demais. Aqui, usando o pressuposto de que a razão é o critério de análise do meio natural ou de toda realidade, rejeita-se a ideia de uma revelação histórica ou transcendente, restando apenas a constituição da Bíblia como um livro humano. Poderíamos dizer, de acordo com essa visão, que esse livro contém a palavra de Deus. Semler, no seu tratamento com o texto bíblico, chega a afirmar:

---

<sup>145</sup> “Under the influence of his teacher at Halle, Sigismund Jacob Baumgarten, he developed a conservative rationalism and a historical interest open to deistic stimuli, in order to become-after his teacher’s death to be sure-“bolder, more ready to and freer in argumentation.” The historical interest which Semler had taken over from Baumgarten led him to interrogate from a rigorously historical point of view all religious tradition, including the New Testament.” KÜMMEL, 1972, p. 62.

<sup>146</sup> “[...] als ‘erste[n] Reformator unserer neueren Theologie’ bezeichnen und zählt ihn zu den bedeutendsten Theologen seines Jahrhunderts.” EICHHORN apud SCHRÖTER, Marianne. *Aufklärung durch Historisierung: Johann Salomo Semlers Hermeneutik des Christentums*. [S.l.] : Walter de Gruyter, 2012. p. 13.

<sup>147</sup> “[...] in Nähe zu jener der englischen Deisten und kommt so zu der These, dass mit Semler Rationalismus und Naturalismus Einzug in die deutsche Theologie gehalten haben.” THOLUCK apud SCHRÖTER, 2012, p. 13.

Palavra de Deus e escritura não são idênticas, porque a sagrada escritura contém partes que só interessam aos leitores de tempos passados por não contribuírem para a melhora moral do homem moderno. Logo, nem todas as partes do cânone podem ser consideradas inspiradas.<sup>148</sup>

Dessa forma, Semler argumenta em favor de um cânon normativo dentro do cânon formal, e a tarefa da exegese estaria relacionada a encontrar esse cânon normativo que estaria envolvido por um revestimento de crenças, mitos e inserções feitas posteriormente. “Consequentemente, de forma alguma todas as partes do Cânon podem ser inspiradas, nem podem ser aceitas pelos cristãos como autoridade.”<sup>149</sup> (Tradução nossa). A Bíblia não poderia ser usada em sua totalidade como uma autoridade em matéria de fé e prática cristã.

Isso se deve ao fato de Semler atribuir a partes da Escritura uma credibilidade maior que a outras. Pois o conceito de Semler em relação à palavra de Deus, que veremos a seguir, faz da Bíblia não a palavra de Deus em sua totalidade, mas um recipiente que a contém, revestida de adições, crenças e acomodações relacionadas ao contexto histórico em que os textos foram escritos. Na visão de Eichhorn, o método de Semler é caracterizado como sujeito a critérios subjetivos, na medida em que “o reconhecimento e o alcance do divino e inspirado está exclusivamente vinculado a um sujeito específico e geralmente não pode ser regulado de fora.”<sup>150</sup> (Tradução nossa). Portanto, esta distinção entre Palavra de Deus e Escritura é extremamente importante para a metodologia de Semler, ela é o ponto de partida de sua prática hermenêutica. A partir daí precisamos compreender, na visão de Semler, que conceito ele possuía como a Palavra de Deus.

### 3.2.2 - O conceito de Palavra de Deus para Johann Salomo Semler

Para Semler, a Palavra de Deus era apenas uma verdade moral atemporal. “Esta verdade moral só pode ser determinada e tornada frutífera para a própria fé, suscitando as condições sob as quais um texto nasceu da maneira mais abrangente

<sup>148</sup> VOLKMANN; DOBBERAHN; CÉSAR, 1992, p. 29. Apud SCHMITT, 2019, p. 329.

<sup>149</sup> “Consequently, by no means all parts of the Canon can be inspired, nor can they be accepted by Christians as authoritative.” KÜMMEL, 1970, p. 63.

<sup>150</sup> “[...] die Anerkennung und der Umfang des Göttlichen und Inspirierten“ jeweils ausschließlich an ein bestimmtes Subjekt gebunden und generell nicht von außen reglementierbar sei.” SCHRÖTER, 2012, p. 14.

possível, usando investigações histórico-críticas precisas.”<sup>151</sup> (Tradução nossa). E dessa forma a Palavra de Deus poderia ser encontrada em outros escritos além da Bíblia, o próprio Semler chegou a “procurar essas verdades morais atemporais em obras de escritores como Cícero.”<sup>152</sup> (Tradução nossa). Este conceito de Palavra de Deus tem seus problemas, pois a moral é tida pelo historicismo como historicamente condicionada e pode mudar de uma geração para outra, qual seria o critério para uma verdade moral atemporal? A resposta de Semler é que estas “verdades divinas se recomendam imediatamente por serem para o bem comum.”<sup>153</sup> (Tradução nossa). Podemos verificar que estamos diante de um conceito bastante subjetivo e que ainda não cumpre a tarefa de ser um critério de separação entre Palavra de Deus e Escritura conforme proposto por Semler. Gunnerweg afirmava: “Não podemos ver, nas letras e palavras, bem como na interconexão delas em um escrito, nada de divino, em contraposição a um escrito humano.”<sup>154</sup>

Portanto, segundo Semler, somente pode valer como divino aquilo que aperfeiçoa moralmente. Ou seja, “aqui o critério para verdadeiro ou não verdadeiro, divino ou não divino é uma moral racionalista.”<sup>155</sup> Esse critério utilizado por Semler para identificar a Palavra de Deus é, na verdade, a aplicação do pressuposto deísta de que o objetivo da religião é aperfeiçoar moralmente. Sendo assim, as doutrinas consideradas cristãs seriam substituídas ou deixariam de existir em detrimento do acolhimento de preceitos morais, que, em última instância, constituiriam o objetivo da religião. E acrescentamos que, com este conceito, a palavra de Deus pode ser encontrada em qualquer escrito religioso. O cânon hebraico ou cristão teria sido apenas uma construção histórica, em nada distinto dos livros de outras religiões.

---

<sup>151</sup> “Nur durch eine möglichst umfassende Erhebung der Entstehungsbedingungen eines Textes mittels genauer historisch-kritischer Untersuchungen lässt sich diese moralische Wahrheit bestimmen und für den eigenen Glauben fruchtbar machen.” SCHRÖTER, 2012, p. 104.

<sup>152</sup> “Semler even looks for timeless divine truth in the works of writers like Cicero.” PASCHKE, 2016, p. 119.

<sup>153</sup> “Divine truths commend themselves forthwith because they are for the common good.” MAIER, 1974, p. 17.

<sup>154</sup> GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Editora teológica: Edições Loyola, 2005. p. 31.

<sup>155</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 31.

### 3.2.3 - O cânon como uma construção histórica: a dessacralização do texto

A dessacralização do texto é um elemento importante na constituição da abordagem histórico-crítica, uma vez que coloca a Escritura em igualdade com as demais obras literárias, exigindo assim que seja tratada da mesma forma, tirando da igreja a sua supremacia sobre a interpretação da escritura, que durante séculos foi monopolizada por questões dogmáticas ou por tradição. Este processo de dessacralização ou secularização das escrituras é pressuposto indispensável para uma abordagem científica do texto bíblico. Uma vez que o texto é analisado apenas como um documento histórico, é possível questionar a veracidade das suas afirmações. “O valor histórico da Bíblia foi questionado desde dois ângulos diferentes: um repúdio de suas reivindicações factuais sobre a história, e uma desmitificação de suas referências ao sobrenatural.”<sup>156</sup> (Tradução nossa) O texto torna-se como uma obra de arte, passível de diversas interpretações. Nenhuma delas capaz de reivindicar autoridade divina ou ser tratada como uma verdade absoluta, à semelhança de como era utilizada pela igreja antes do advento da crítica histórica.

O Método Histórico-Crítico rejeita a doutrina da inspiração da Bíblia, e faz uma análise do texto baseada na sua história de confecção, analisando não somente a intenção original do autor, mas as diversas influências que o contexto histórico exerce sobre o texto. Em relação à rejeição da doutrina da inspiração da Bíblia, argumenta-se que:

(a) Por um longo tempo, não houve acordo sobre a extensão do cânone na história da igreja. (b) A unidade em relação ao cânone foi alcançada apenas por meio de negociações humanas. (c) As decisões humanas no cânone são contraditórias, e, portanto, não confiáveis. (d) Declarações de conselhos da igreja sobre o cânone sempre permaneceram “apenas como uma informação histórica e um evento” e não são conclusivas. (e) Mesmo durante a vida de Semler, permaneciam diferentes posições sobre o cânone.<sup>157</sup> (Tradução nossa).

<sup>156</sup> “The historical value of the Bible was questioned from two different angles: a repudiation of its factual claims about history, and a demythologizing of its references to the supernatural.” PORTER, 2007, p. 282.

<sup>157</sup> “(1) for a long time in church history agreement on the canon’s extent did not exist, (2) unity with regard to the canon was reached only through human negotiations, (3) human decisions on the canon are contradictory and thus not trustworthy, (4) statements of church councils concerning the canon will always remain “merely a historical information and event” and are thus not conclusive, and (5) even in Semler’s lifetime different convictions regarding the canon were prevalent.” PASCHKE, 2016, p. 116.

Essa marca distintiva de rejeitar a ação do Espírito Santo já está na origem do Método Histórico-Crítico, como observa Friedrich Dobberahn nas palavras de Johan Salomo Semler, criador do método, quando afirma: “A aplicação exegética do método histórico substitui o agir do Espírito Santo no sentido de que possibilita, a princípio, para cada pessoa, um entendimento correto e salutar do texto bíblico.”<sup>158</sup> Segundo Semler,

o cânone não é uma grandeza incontestada. Ao contrário, deve ser submetido à crítica, porque a pertença ao Cânone é uma questão meramente histórica, visto representar o acordo entre as diversas regiões eclesiásticas acerca dos livros considerados válidos para a leitura no culto.<sup>159</sup>

Semler afirmava que o cânone era apenas uma construção histórica e é “o pioneiro da visão histórica do cânon,”<sup>160</sup> pois, valendo-se do fato de não haver um consenso quanto à quantidade de livros do cânon, “confiou apenas em sua capacidade racional e em suas habilidades exegéticas para identificar aquelas partes da escritura que pertenceriam ao cânon normativo, ou seja, seria a palavra de Deus propriamente dita”<sup>161</sup>, envolvida pelo cânon formal que era o restante da escritura.

Na argumentação de Semler em defesa do cânon como construção histórica, ele afirmava que o cânon nem sempre foi fixado e claramente definido. Cita como exemplo a igreja primitiva, que não tinha um cânon em que relacionava os livros que eram inspirados ou não. Afirma ainda que “essa unidade só foi alcançada no quarto ou quinto século, quando os bispos se reuniram para fazer esta seleção.”<sup>162</sup> (Tradução nossa). Dentro dessa perspectiva, Semler realizou inúmeros estudos, inclusive, dos evangelhos, onde afirmava que “a verdadeira religião estava neles, mas envolvida em um manto judaico.”<sup>163</sup> (Tradução nossa). Isto em virtude de sua compreensão acerca da teoria da acomodação.

<sup>158</sup> SEMLER apud DOBBERAHN, Friedrich E. Sobre a história do Método Histórico-Crítico. In: VOLKMANN, 1992, p. 50.

<sup>159</sup> SEMLER apud VOLKMANN, 1992, p. 28.

<sup>160</sup> “[...] the pioneer of the historical view of the Canon.” SCHWEITZER, 1910, p. 51.

<sup>161</sup> Como já afirmamos, seria a verdade moral atemporal.

<sup>162</sup> “According to Semler, this unity was not accomplished until the fourth, or even fifth, century when bishops discussed and decided the extent of the canon.” PASCHKE, 2016, p. 116.

<sup>163</sup> “Deshalb sei die wahre christliche Religion in ihnen in ein gleichsam jüdisches Gewand eingefügt.” IVALDO, Marco. Friedrich Wilhelm Joseph Schelling, Nachlass 5: Frühe theologische und philosophische Arbeiten 1793-1795, hrsg. von Christopher Arnold, Christian Danz u. Klaus Grottsch (Marco Ivaldo). *Rivista di storia della filosofia: Nuova serie*, v. 73, n. 3, p. 532-534, 2018. p. 20.

### 3.2.4 - Teoria da acomodação: a busca pela desmistificação do texto

A busca pela desmistificação do texto bíblico foi fundamentada na teoria da acomodação. “A acomodação, como era tradicionalmente entendida, não compromete a verdade ou a autoridade da revelação divina.”<sup>164</sup> (Tradução nossa). A teoria consiste em afirmar que Deus, em sua revelação, utilizou autores, ideias e linguagens humanas. E que adaptou a sua revelação à compreensão do homem. Richard Muller afirmar que a “acomodação ocorre especificamente no uso de palavras e conceitos humanos para a comunicação da lei e do evangelho, mas de forma alguma implica a perda da verdade ou a diminuição da autoridade das escrituras.”<sup>165</sup> (Tradução nossa).

A teoria da acomodação, mesmo bem estabelecida por Agostinho, Calvino, e utilizada até mesmo como um instrumento para defender a inerrância da Bíblia, recebeu um novo conceito através da obra de Faustus Socinus (1539-1604) intitulada *De Auctoritate Sacrae Scripturae* (1588), onde “Socinus propôs que Deus usou as crenças errôneas dos autores da Bíblia como uma acomodação à sua ideologia.”<sup>166</sup> (Tradução nossa). Esse novo conceito de acomodação compromete a natureza da inspiração, inerrância e autoridade das escrituras e esse tema será retomado na segunda metade do século XVIII pelos adeptos da crítica histórica que irão utilizar esta teoria como um dos pressupostos de sua metodologia. Assim, a Bíblia precisaria da crítica histórica “para despojá-la do que foram considerados elementos brutos e sobrenaturais.”<sup>167</sup> (Tradução nossa).

Uma posição reformulada da teoria da acomodação também foi desenvolvida por Johann Jakob Wettstein (1693–1754), que afirmou que a

<sup>164</sup> “The accommodation, as it was traditionally understood, does not compromise the truth or authority of divine revelation.” LEE, J. Hoon. *The Biblical Accommodation Debate in Germany: Interpretation and the Enlightenment*. Springer, 2017. p. 3.

<sup>165</sup> “[...] accommodation occurs specifically in the use of human words and concepts for the communication of the law and the gospel, but it in no way implies the loss of truth or the lessening of scriptural authority.” MULLER, A. Richard. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms: Drawn Principally from Protestant Scholastic Theology*, Grand Rapids: Baker, 1985. p. 19.

<sup>166</sup> “Socinus proposed that God used the erroneous beliefs of the biblical authors as an accommodation to their ideology.” SOCINUS, Faustus. *De Auctoritate Sacrae Scripturae*. Amsterdam: 1588, s. p.

<sup>167</sup> “in order to strip what were taken to be crude, supernatural elements.” PORTER, 2007, p. 282.

acomodação atribuiu “opiniões ambíguas, às vezes errôneas, da multidão”<sup>168</sup> à Bíblia. E foi através de Wettstein que Semler derivou seu conceito da teoria da acomodação e aplicou a sua obra. A parti daí, “como o principal progenitor deste tipo de acomodação, Semler argumentou que, devido à natureza histórica das Escrituras, grandes porções da Bíblia se aplicam apenas ao tempo em que eles foram escritos.”<sup>169</sup> (Tradução nossa).

Esta conclusão de Semler é derivada da premissa de que o texto bíblico foi adaptado à realidade da época de sua composição, através da teoria da acomodação. Fairbairn “observou que o uso de falsa acomodação por Semler negava as doutrinas da Trindade, a filiação divina do messias, a expiação, a personalidade do Espírito Santo, a ressurreição corporal e o julgamento escatológico.”<sup>170</sup> (Tradução nossa).

Semler recorre a esta teoria quando afirma que “Jesus e os apóstolos acomodaram ou adaptaram seus ensinamentos às ideias mitológicas primitivas da época”.<sup>171</sup> (Tradução nossa). Tal teoria teve um grande impacto na forma de tratar os textos bíblicos, sendo um recurso que vai contribuir para contestar ou negar a existência de qualquer elemento sobrenatural. Os racionalistas alemães

Acreditavam que os primeiros hebreus eram semelhantes em mentalidade ao que era conhecido no final do século XVIII sobre os chamados povos primitivos. Eles assim interpretavam as narrativas da Bíblia do ponto de vista que os hebreus viam Deus trabalhando diretamente em fenômenos que são explicados hoje de maneira científica.<sup>172</sup> (Tradução nossa).

Esse pressuposto é uma demonstração clara da visão de supremacia que a razão exerce, Segundo Jenson,

---

<sup>168</sup> “[...] ambiguous, sometimes erroneous, opinions of the multitude.” FAIRBAIRN, Patrick. *Hermeneutical Manual: Or, Introduction to the Exegetical Study of the Scriptures of the New Testament*. Edinburgh: T & T Clark, 1858. p. 91.

<sup>169</sup> “As the major progenitor of this type of accommodation, Semler argued that due to the historical nature of Scripture, large portions of the Bible applied only to the time in which they were written.” LEE, 2017, p. 6.

<sup>170</sup> “[...] observed that Semler’s use of false accommodation negated the doctrines of the Trinity, the divine Sonship of the messiah, the atonement, the personality of the Holy Spirit, bodily resurrection, and the eschatological judgment.” FAIRBAIRN, 1858, p. 92.

<sup>171</sup> “Semler suggests that Jesus and the apostles accommodated their teaching to these (wrong) contemporary ideas.” PASCHKE, 2016, p. 121.

<sup>172</sup> “[...] believed that the earliest Hebrews were similar in mentality to what was known at the end of the eighteenth century about so called primitive peoples. They thus interpreted biblical narratives from the standpoint that the Hebrews saw God directly at work in phenomena that are explained today in scientific ways.” PORTER, 2007, p. 282.

Johann Salomo Semler, por exemplo, propôs a teoria da acomodação, sugerindo que Jesus se acomodou às crenças e concepções de seus contemporâneos, ainda que ele próprio não as sustentasse necessariamente. Assim, realizou o que, aos olhos dos judeus piedosos, eram exorcismos e milagres, sabendo perfeitamente bem que essas ações tinham causas naturais.<sup>173</sup>

Com a teoria da acomodação, na perspectiva de Semler, a interpretação bíblica passou a ter como objetivo principal a distinção entre a mensagem da Bíblia e os elementos mitológicos ou folclóricos que possivelmente a envolvem. Nesse sentido, o exegeta deveria se empenhar em compreender o contexto histórico do texto, a fim de descobrir o verdadeiro sentido pretendido pelo autor e evitar interpretações que tratam as acomodações como fatos históricos.

### 3.2.5 - A compreensão histórica do texto como alvo da interpretação bíblica

O Método Histórico-Crítico não foi criado com o objetivo de contextualizar a mensagem da Bíblia aos dias hodiernos, mas sim encontrar a intenção do autor dentro de seu contexto histórico. Nas próprias palavras de Semler, temos:

Logo é errado que a escritura sagrada realiza sempre e em primeiro lugar a edificação do ser humano e que também tem de ser usada para isso; sem dúvida é preciso que se forme seriamente a compreensão histórica correta, e somente depois se deve aguardar a compreensão salvífica.<sup>174</sup>

Semler estava reagindo contra a tendência pietista de uma “atualização rápida e edificante e espiritualização de textos bíblicos.”<sup>175</sup> (Tradução nossa). A ênfase da metodologia de Semler está em encontrar o sentido do texto à luz do seu contexto histórico em detrimento de qualquer atualização edificante do texto. E no caso de uma atualização edificante do texto, esta deveria, em primeiro lugar, ser derivada do significado do texto à luz do seu contexto histórico. O que fica em aberto é como poderíamos chegar da compreensão histórica à compreensão salvífica. Em relação a esse assunto, ainda pontua Gunneweg:

A pergunta de como então se chega da percepção histórica à compreensão salvífica, ou seja, existencial, atual, hoje relevante, constitui até os dias de hoje o problema hermenêutico, sim, o problema da teologia propriamente

<sup>173</sup> BRAATEN, Carl; JENSON, Robert W. (Ed.). *Dogmática Cristã*. 2. Ed. v. 1. São Leopoldo: IEPG; Sinodal, 2007. p. 293.

<sup>174</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 31.

<sup>175</sup> “[...] zur raschen erbaulichen Aktualisierung und Vergeistlichung von Bibeltexten.” HORNIG, Gottfried. *Johann Salomo Semler: Studien zu Leben und Werk des Hallenser Aufklärungstheologen. Hallesche Beiträge zur europäischen Aufklärung*, v. 2, 1996, p. 238.

dito, desde que se reconheça o primado da Bíblia e não se desvie da sua compreensão histórica.<sup>176</sup>

Semler não deixa claro como é feita esta transição do histórico à compreensão salvífica. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Gunneweg acrescenta que, não importando como se buscará solucionar essa questão, a partir de Semler, a escritura não poderia mais ser estudada sem levar em consideração sua dimensão histórica. Logo, “o único sentido da escritura é a sua interpretação histórica e a conclusão tirada disso é que a edificação não deve de forma alguma ser o princípio orientador na interpretação das Escrituras.”<sup>177</sup> (Tradução nossa). E esta interpretação deve ser feita através de ferramentas que visem a uma abordagem objetiva do texto, a fim de que o sentido encontrado seja o mais preciso possível.

Segundo Diesel, a interpretação do texto para Semler “deveria estar à altura do critério de estrita objetividade histórica.”<sup>178</sup> (Tradução nossa). O exegeta deveria interpretar o texto de acordo com o sentido do autor, de forma objetiva, independentemente se este significado será ou não relevante para os dias atuais.

### **3.2.6 - A questão da objetividade: a pretensão científica do Método Histórico-Crítico**

O Método Histórico-Crítico, desde seus primórdios, traz como ponto de partida a pretensão de ser um método neutro e que busca na objetividade científica a libertação da Bíblia de interpretações que sejam dogmáticas ou que estejam a serviço de alguma confissão religiosa. A proposta seria uma livre investigação do Cânon, ou seja, uma tentativa de encontrar o sentido original dos textos sem que essas interpretações sofressem manipulações de qualquer natureza. Segundo Wegner, um dos pontos fortes do método é que “o estudo sério e cuidadoso da intenção histórica original dos textos protege-os contra a fácil manipulação do seu

<sup>176</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 32.

<sup>177</sup> *Schriftauslegung nur der historische als der einzige Schriftsinn gelte (ebd.), und dessen daraus gezogene Folgerung, daß die Erbaulichkeit daher keinesfalls leitendes Prinzip der Schriftauslegung sein dürfe.* LÜDER, Andreas; LÜDER, Andreas. *Historie und Dogmatik: ein Beitrag zur Genese und Entfaltung von Johann Salomo Semlers Verständnis des Alten Testaments.* Berlin; Nova York: Walter de Gruyter, 1995. p. 21.

<sup>178</sup> “[...] so daß das Ergebnis der Exegese dem Kriterium strenger geschichtlicher Objektivität standhalten muß.” DIESEL apud LÜDER, 1995, p. 22.

sentido por interesses ou interpretações subjetivas, ou então, determinadas por posições ideológicas ou de classe social.”<sup>179</sup>

Sendo assim, a objetividade é um pressuposto do Método Histórico-Crítico que deveria garantir a proteção da interpretação de interesses ou da subjetividade do intérprete. Partindo da ideia de que a reconstrução do passado não é uma tarefa neutra, mas que depende da forma como o historiador situa o texto e dos conceitos que usa e “se toda interpretação depende, portanto, de crenças anteriores sobre a realidade, a autoridade superior do crítico desmorona junto com seu apelo a uma leitura científica do texto.”<sup>180</sup> (Tradução nossa). Na perspectiva de Semler, todo o aparato do método, uma vez aplicado ao texto bíblico, seria o suficiente para obter uma interpretação objetiva do texto e livre de pressupostos. Aqui se encontra uma contradição do método, uma vez que o Método Histórico-Crítico é fruto do seu tempo, ele, desde a sua fundação, carrega como parte essencial de sua composição premissas dogmáticas carregadas de subjetividade que irão de encontro à sua própria reivindicação de objetividade.

O impacto dessa abordagem é que o exegeta histórico-crítico, se realmente for fazer o uso legítimo<sup>181</sup> do método (já que alguns fazem uso sem a adesão de suas premissas), partirá da ideia de que a Bíblia não é a palavra de Deus, rejeitando a inspiração divina e aceitando, por exemplo, que os textos receberam, além do conteúdo original, um revestimento histórico que estaria envolvendo o cerne da mensagem, e, portanto, somente uma Metodologia Histórico-Crítica poderia ser capaz de removê-lo.

Semler é considerado inovador e o precursor de uma nova cosmovisão bíblica. Sua forma de investigação lançará as bases de todas as metodologias que conhecemos hoje como histórico-críticas. Essas metodologias causam um impacto na interpretação bíblica, seja produzindo simpatizantes ou críticos. Não podemos descartar a contribuição positiva da Metodologia Histórico-Crítica à compreensão do mundo bíblico, mas, torna-se inviável subestimar o seu impacto negativo causado por alguns de seus proponentes ao cristianismo.

---

<sup>179</sup> WEGNER, 2000, p. 21.

<sup>180</sup> “If all interpretation thus depends on prior beliefs about reality, the historical critic’s superior authority collapses together with his appeal to a purely scientific reading of the text.” ZIMMERMANN, 2015, n.p.

<sup>181</sup> Chamo de uso legítimo o uso consciente de suas premissas ideológicas e teológicas.

## **4 – O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO E SEU IMPACTO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA**

O Método Histórico-Crítico ao longo de sua trajetória tem reunido muitas críticas e elogios. Cabe ao estudioso das escrituras discernir os impactos positivos e negativos de uma abordagem científica do texto bíblico. O impacto produzido pelo Método Histórico-Crítico e sua influência na interpretação dos textos bíblicos tem produzido uma imensa quantidade de literatura que traz consigo a visão de estudiosos que se opõem ao método e o apresentam como sendo uma perspectiva dominada pela razão e que está falida, ou que chegou ao fim, após um período de grande progresso e domínio nos seminários de estudo teológico e nas universidades. Bem como aqueles que defendem um uso do método sem a utilização de suas premissas ideológicas ou como uma valiosa ferramenta que pode ser usada para a propagação do evangelho.

### **4.1 – WALTER WINK: A CRÍTICA BÍBLICA ESTÁ FALIDA**

Wink afirmou: “A crítica bíblica histórica está falida.”<sup>182</sup> (Tradução nossa). A crítica histórica dominou a interpretação bíblica e ainda é até os nossos dias um dos principais métodos de interpretação, a falência da crítica bíblica representa uma crise na interpretação, e “as raízes desta crise remontam às origens da modernidade e da crítica histórica, mas, na medida em que o pós-modernismo desafia os fundamentos da modernidade, também são desafiados os fundamentos da crítica histórica.”<sup>183</sup> (Tradução nossa).

Isso é evidenciado pela busca por um novo paradigma para os estudos interpretativos da Bíblia com o surgimento de vários métodos que visam a complementar ou superar uma abordagem crítica dos textos bíblicos. Wink lista algumas razões para sustentar sua posição de que a crítica histórica das Escrituras

---

<sup>182</sup> “Historical biblical criticism is bankrupt.” WINK, Walter. *The Bible in human transformation: toward a new paradigm for biblical study*. Philadelphia : Fortress Press, 1973. p. 1.

<sup>183</sup> “The roots of this crisis reach back into the origins of modernity and historical criticism, but insofar as postmodernism challenges the foundations of modernity, so too are the foundations of historical criticism challenged.” GREENE et al, 2000, p. 6.

falhou em realizar aquele que era o seu objetivo: Interpretar os textos bíblicos. Segundo Wink, “o método praticado era incompatível com a intenção dos textos.”<sup>184</sup> (tradução nossa), pois sabemos que “a pesquisa histórica produz apenas probabilidades. Uma conclusão que levanta questões sobre a certeza da fé e seu objeto em teologia.”<sup>185</sup> (Tradução nossa). A argumentação de Wink parte da premissa de que o Novo Testamento foi escrito para produzir e/ou aumentar a fé em seus leitores, mas o método histórico, “pela própria essência da ciência e a investigação histórica nos tempos modernos, tem sido a suspensão dos julgamentos avaliativos e do envolvimento participativo no ‘objeto’ da pesquisa.”<sup>186</sup> (Tradução nossa). Logo, temos uma objetivação da revelação e uma incerteza que é incapaz de contribuir para fundamentar a fé e servir de edificação para a igreja.

Esta suposta objetividade do método é apontada por Wink como incompatível com a intenção dos textos bíblicos. Pois, tratando o texto de forma objetiva e sem poder afirmá-lo como verdadeiro, tornaria impossível produzir ou aumentar a fé de alguém. E dessa forma “o Método Histórico-Crítico reduziu a Bíblia a uma letra morta. Nossa obediência à técnica deixou a Bíblia estéril e nós mesmos vazios.”<sup>187</sup> (Tradução nossa). Wink expõe a dificuldade de contextualização dos resultados das pesquisas histórico-críticas à vida cotidiana da igreja. “O estudioso médio não avalia o quão devastadora sua análise crítica pode ser para o pregador”<sup>188</sup> (tradução nossa), uma vez que sobre o pregador recai a responsabilidade de uma mensagem que seja relevante e contextualizada às necessidades de seus ouvintes.

Wink prossegue afirmando que “o objetivismo não está simplesmente errado, é uma falsa consciência”<sup>189</sup>, pois tenta a todo custo separar a teoria da prática, o intelecto da emoção, e acha intolerável o pensamento determinado pela emoção. Esse objetivismo é intelectualista. O intelectualismo, diz Mannheim, é

---

<sup>184</sup> “The method as practiced was incommensurate with the intention of the texts.” WINK, 1973, p. 2.

<sup>185</sup> “[...] historical research produces only probabilities. a conclusion which raises questions about the certainty of faith and its object in theology.” KRENTZ, 1977, p. 57.

<sup>186</sup> “For the very essence of scientific and historical inquiry in modern times has been the suspension of evaluative judgments and participational involvement in the ‘object’ of research.” WINK, 1973, p. 2.

<sup>187</sup> “The historical critical method has reduced the Bible to a dead letter. Our obeisance to technique has left the Bible sterile and ourselves empty.” WINK, 1973, p. 4.

<sup>188</sup> “The average scholar does not appreciate how devastating his critical analysis can be to the preacher.” HARRISVILLE et al, 2002, p. 12.

<sup>189</sup> “Objectivism is not simply in error, It is a false consciousness.” WINK, 1973, p. 5.

um modo de pensamento que ou não vê os elementos na vida e no pensamento que são baseados em vontade, interesse, emoção e Weltanschauung - ou, se reconhece sua existência, trata-os como se fossem equivalentes ao intelecto e acredita que podem ser dominados e subordinados à razão.<sup>190</sup> (Tradução nossa).

Isso significa que a crítica histórica, na sua busca por uma objetividade intelectualista, criou uma falsa consciência que ignora a subjetividade do intérprete que procura por resultados garantidos e conhecimento objetivo, quando na verdade seu ponto de partida é uma dúvida metodológica radical que devora ou torna impossível a existência de resultados conclusivos, confiáveis e garantidos. Além disso, esta falsa consciência finge suspender o julgamento sobre o objeto pesquisado, quando na verdade é impossível realizar esta suspensão de juízo, uma vez que toda investigação tem um ponto de partida e possui uma referência ontológica ou um sistema de valores. Por exemplo, até mesmo “a escolha da sintaxe e do vocabulário é um ato político que define e circunscreve o modo como os ‘fatos’ devem ser experimentados - de fato, em certo sentido, até mesmo cria os fatos que podem ser estudados.”<sup>191</sup> (Tradução nossa).

Wink prossegue sua argumentação em defesa de uma falência da crítica histórica pontuando que a transferência dos métodos das ciências naturais como modelo de objetividade para a crítica bíblica levou a não realizarmos mais as perguntas que gostaríamos de fazer, que seriam perguntas que possuem relevância para a vida de cada intérprete, mas, apenas, aquelas perguntas que o método é capaz de responder. Por isso essa “abordagem é cega e falha em ser acadêmica o suficiente, precisamente porque se recusa tanto a examinar o que é essencial para entender a intenção do texto”<sup>192</sup> (tradução nossa), e em ouvir o que o próprio texto tem a dizer. A crítica bíblica foi criada em um contexto que agora foi modificado, levando-a a uma situação de falência ou necessidade de adaptabilidade para que continue a existir. Pois, quando de sua criação, a crítica bíblica foi uma arma contra as ortodoxias existentes, a ideia de sua criação era promover uma livre interpretação

<sup>190</sup> “[...] a mode of thought which either does not see the elements in life and in thought which are based on will, interest, emotion, and Weltanschauung - or, if it does recognize their existence, treats them as though they were equivalent to the intellect and believes that they may be mastered by and subordinated to reason.” MANNHEIM, Karl. *Ideology and Utopia*. New York: Harcourt, Brace & World, 1936. p. 122.

<sup>191</sup> “[...] the choice of syntax and vocabulary is a political act that defines and circumscribes the way ‘facts’ are to be experienced—indeed, in a sense even creates the facts that can be studied.” LAING R. D. *The Politics of Experience*. New York: Pantheon Books, 1967. p. 62.

<sup>192</sup> “[...] blinkered approach fails to be scholarly enough, precisely because it refuses to examine so much that is essential to understanding the intention of the text.” WINK, 1973, p. 8.

do cânon que fosse compatível com os ideais propagados pelo iluminismo. Essa tentativa de substituição de uma realidade existente por outra que é melhor falhou. E, à medida que os seus elementos ideológicos se tornaram visíveis, ficou claro que o trabalho realizado pela crítica história não contribuiu para uma maior compreensão da verdade. A crítica de Wink é contundente, pois coloca a crítica bíblica como um método inadequado para tratar os textos bíblicos, possuidora de um falso objetivismo, submetida a um tecnologismo, totalmente distante da igreja, entretanto, essa falência pode não representar o fim da crítica bíblica, “seu futuro depende de sua adaptabilidade a uma situação radicalmente alterada”<sup>193</sup> (tradução nossa), pois “a crítica bíblica tem muito de valor que deve ser preservado que é urgente que venha sob nova direção.”<sup>194</sup> (Tradução nossa).

Esta mudança de direção ou de pressuposto orientador é uma proposta que foi bem aplicada por Fitzmyer, que propõe o uso do método purificado de elementos racionalistas, que, na visão dele, contaminaram o método e fizeram da Metodologia Histórico-Crítica um instrumento de ataque às doutrinas mais centrais do cristianismo tradicional.

#### **4.2 – JOSEPH A. FITZMYER: O USO DO MÉTODO ORIENTADO APROPRIADAMENTE**

O Método Histórico-Crítico na visão de Fitzmyer “é neutro, e ele pode ser usado com essas pressuposições de fé. Na verdade, em razão delas, tornou-se um método de interpretação bíblica orientado apropriadamente.”<sup>195</sup> O cerne do posicionamento de Fitzmyer é que “o Método Histórico-Crítico ficou sob suspeita por ter sido contaminado, em etapas importantes de seu desenvolvimento, por pressuposições que não fazem necessariamente parte dele.”<sup>196</sup> Muitos dos que se empenharam na pesquisa bíblica usando o Método Histórico-Crítico

partiram de pressupostos liberais, e por este motivo os cristãos conservadores muitas vezes equiparam a crítica histórica ao liberalismo.

<sup>193</sup> “[...] depends on its adaptability to a radically altered situation.” WINK, 1973, p. 12.

<sup>194</sup> “[...] biblical criticism has so much of value which must be preserved that it is urgent that it come under new management.” WINK, 1973, p. 13.

<sup>195</sup> FITZMYER, Joseph A. *A Interpretação da Escritura: em Defesa do Método Histórico-Crítico*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 85.

<sup>196</sup> FITZMYER, 2011, p. 81.

Não há por que ser assim. É possível engajar-se na crítica histórica a partir de pressupostos conservadores.<sup>197</sup>

De acordo com essa posição, o método foi contaminado e isto aconteceu quando “ataques racionalistas contra o cristianismo tradicional, especialmente seus aspectos sobrenaturais, foram ligados a um método de outro modo neutro e o contaminaram indevidamente.”<sup>198</sup> Com esta posição, Fitzmyer busca defender o Método Histórico-Crítico dos ataques que tem sofrido, afirmando que “o que estava errado era a pressuposição com a qual o método era usado, não o método em si.”<sup>199</sup> Encontramos em Rogerson uma posição semelhante quando afirma que

não pode ser negado que a crítica histórica possa ser usada, e tem sido usada, para defender posições que negam à Bíblia qualquer credibilidade como texto humanitário, muito menos texto considerado como escritura, deve-se enfatizar que esta não é uma característica da crítica histórica *per se*, mas de seus usos particulares.<sup>200</sup> (Tradução nossa).

Sendo assim, o método foi utilizado de forma particular com pressuposições que o lançaram contra a autoridade da Bíblia. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Fitzmyer pontua que “às vezes se misturaram a este método princípios filosóficos e teológicos inadmissíveis que não raro arruinaram o próprio método e também as conclusões no campo literário.”<sup>201</sup> Sobre estas conclusões arruinadas ele está referindo-se à recusa em admitir uma ordem sobrenatural e a existência de um Deus pessoal que interfere no mundo, bem como a existência de milagres e profecias. Se aceita a argumentação de Fitzmyer, estamos diante de uma via que pode trazer uma conciliação entre os benefícios que são apresentados pelo Método Histórico-Crítico e a reivindicação dos setores mais conservadores do cristianismo.

Segundo Fitzmyer, “o objetivo do Método Histórico-Crítico apropriadamente orientado de interpretar a Bíblia é sempre verificar seu significado literal antigo”<sup>202</sup> e que ele pode servir de edificação para a igreja dos nossos dias, pois “Deus fala a seu povo hoje por intermédio da Palavra escrita quando seu sentido literal assim

<sup>197</sup> VIRKLEY, 2001, p. 13.

<sup>198</sup> FITZMYER, 2011, p. 82.

<sup>199</sup> FITZMYER, 2011, p. 82.

<sup>200</sup> “[...] it cannot be denied that historical criticism can be used, and has been used, to advocate positions that deny to the Bible any credibility as a humanitarian text, let alone a text regarded as scripture, it must be emphasized that this is not a characteristic of historical criticism *per se*, but of its particular uses.” ROGERSON, J. W. *Historical Criticism and the Authority of the Bible*. In: LIEU, Judith M.; ROGERSON, J. W. (eds). *The Oxford Handbook of Biblical Studies*. Oxford: Handbooks, 2008. p. 846.

<sup>201</sup> FITZMYER, 2011, p. 66.

<sup>202</sup> FITZMYER, 2011, p. 101.

determinado é devidamente atualizado.”<sup>203</sup> Dentro dessa perspectiva defendida por Fitzmyer, o Método Histórico-Crítico conserva as suas ferramentas metodológicas, mas isentas de pressupostos que podem ir de encontro com as doutrinas centrais do cristianismo. Outro ponto importante que é mencionado por Fitzmyer é que os exegetas bíblicos da atualidade precisam “empregar o Método Histórico-Crítico de interpretação porque eles não podem se restringir à exposição alegórica e fantasiosa que caracterizou uma parte tão grande do entendimento patrístico e medieval.”<sup>204</sup>

Fitzmyer menciona que, “apesar de nunca chamar o método pelo nome, Pio XII defendia o uso apropriado do Método Histórico-Crítico de interpretação da Bíblia a fim de determinar o sentido literal do texto bíblico.”<sup>205</sup> Esta decisão fortaleceu o estudo da teologia católica, bem como proporcionou-lhe bases sólidas e bíblicas. Desde então esta tem sido a tendência dos estudiosos católicos. Fitzmyer relata que “tem sido a sina de dedicados estudiosos da Escritura serem alvos de críticos bem-intencionados que não compreendem suas intenções e afirmam que o trabalho deles prejudica a fé cristã.”<sup>206</sup> Mas todas estas críticas são indevidas por tratar-se de um método neutro. Tais críticas podem ser rebatidas com a rejeição dos pressupostos racionalistas aplicados ao método e o uso orientado do método com o propósito que esteja de acordo com os interesses da fé cristã. Pois “a crítica bíblica nunca teve a intenção de ser ou tornar-se uma árida disciplina intelectual divorciada das necessidades das igrejas e/ou necessariamente prejudiciais à fé cristã.”<sup>207</sup> (Tradução nossa).

A idéia de um método sem pressupostos ideológicos é atrativa, mas o principal fator de dissonância entre os que defendem uma superação ou uma reforma do Método Histórico-Crítico conforme a posição de Fitzmayer está na permanência ou não do seu aspecto crítico. E a superação desse princípio representaria um novo método, como o proposto por Gerhard Maier, que defende que o Método Histórico-Crítico chegou ao seu fim e que urge a necessidade de uma nova metodologia que possa fazer jus a uma interpretação da Bíblia que esteja compatível à sua natureza como Palavra de Deus. Embora Maier concorde com

---

<sup>203</sup> FITZMYER, 2011, p. 120.

<sup>204</sup> FITZMYER, 2011, p. 98.

<sup>205</sup> FITZMYER, 2011, p. 17.

<sup>206</sup> FITZMYER, 2011, p. 29.

<sup>207</sup> “[...] is that biblical criticism was never intended to be or to become an arid intellectual discipline divorced from the needs of the churches and/or necessarily damaging to Christian faith.” ROGERSON, 2008, p. 852.

Fitzmayer que o método precisa ser purificado de sua base ideológica, “isso inclui a superação da base filosófica e divisão entre a Escritura e a Palavra de Deus introduzida por Semler e seus colegas”<sup>208</sup>, Maier rejeita o princípio crítico e propõe uma nova metodologia ou um método Histórico-Bíblico. A seguir, veremos os argumentos de Maier para uma total substituição do Método Histórico-Crítico.

#### 4.3 – GERHARD MAIER: O FIM DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

Uma análise do Método Histórico-Crítico foi realizada por Gerhad Maier na obra *The end of the historical-critical* (1977), onde Maier elencou algumas objeções ao uso do método, pois, na visão dele, elas nos conduzem “para o fim prático do método.”<sup>209</sup> (Tradução nossa). No prefácio da obra, Eugene F. Klug afirma que “a Metodologia Histórico-Crítica não pode ser considerada uma disciplina neutra. Ela domina a teologia ‘científica’ tanto quanto o evolucionismo rege as disciplinas científicas.”<sup>210</sup> (Tradução nossa). Conforme é apresentado por Maier, o Método Histórico-Crítico aplicado à interpretação bíblica “representa um pré-julgamento no sentido de uma decisão a priori sobre o resultado.”<sup>211</sup> (Tradução nossa). Pois o método crítico pode produzir apenas proposições críticas da Bíblia.

Maier apontou que (a) “É impossível descobrir o cânone no cânon.”<sup>212</sup> (Tradução nossa). Esta objeção fundamenta-se no fato de não haver critérios objetivos para distinguir o que é Palavra de Deus dentro da Escritura. Logo, “se alguém não quer se entregar à ação subjetiva e arbitrária, então padrões objetivos, geralmente convincentes, devem ser estabelecidos.”<sup>213</sup> (Tradução nossa). E esta tarefa de estabelecer este padrão tem sido um fracasso em todas as suas tentativas, “uma razão para isso foi que os padrões não foram exatos o suficiente ou não foram

---

<sup>208</sup> “This includes surmounting the philosophically based cleavage between Scripture and the Word of God introduced by Semler and his colleagues.” MAIER, 1974, p. 50.

<sup>209</sup> “[...] to the practical end of the method.” MAIER, 1974, p. 25.

<sup>210</sup> “Historical-critical methodology cannot be claimed as a neutral discipline. It holds sway in ‘scientific’ theology pretty much as evolutionism rules the scientific disciplines.” KLUG, F. Eugene. Prefácio. In: MAIER, 1974, p. 8.

<sup>211</sup> “[...] represents a prejudgment in the sense of an a priori decision concerning the outcome.” MAIER, 1974, p. 11.

<sup>212</sup> “It Is Impossible to Discover the Canon in the Canon.” MAIER, 1974, p. 16.

<sup>213</sup> “If one does not want to give himself up to subjective, arbitrary action, then objective standards, generally convincing, must be established.” MAIER, 1974, p. 16.

convincentes o suficiente, ou os resultados, apesar dos padrões de som semelhantes, ainda eram muito diferentes.”<sup>214</sup> (Tradução nossa).

Maier dá continuidade afirmando que (b) “A Bíblia não se permite ser separada em uma Escritura Divina e uma Escritura Humana.”<sup>215</sup> (Tradução nossa). Este argumento como uma consequência lógica do anterior acusa o Método Histórico-Crítico de tentar dividir a Bíblia em duas, uma divina e outra humana, mas a tarefa é impossível, pois a Bíblia não tem em si mesma uma chave que possibilite esse empreendimento. Sendo assim, “apesar do esforço honesto, como resultado da falta de uma ‘chave’, nunca se chegou a um acordo sobre o que firmemente e sempre deveria ser considerada parte das ‘verdades divinas’.”<sup>216</sup> (Tradução nossa). Mesmo o critério de Semler, que relaciona estas verdades a algo moral, nos leva a um subjetivismo, pois o que é “moral” dentro da perspectiva histórica está condicionado ao tempo, então caímos em contradição, pois o que é palavra de Deus em determinado momento histórico deixaria de ser em outro.

Em seguida, Maier pontua que (c) “A revelação é mais do que um objeto.”<sup>217</sup> (Tradução nossa). O cerne do argumento de Maier é que o propósito da Bíblia é apresentar a pessoa de Cristo, enquanto os proponentes do Método Histórico-Crítico transformaram o assunto da revelação como algo a ser dissecado em detrimento do objetivo da revelação, que é proporcionar um encontro pessoal com Cristo e receber as Escrituras como a Palavra de Deus.

Dando continuidade às objeções, Maier afirma que (d) “a conclusão é estabelecida antes da interpretação.”<sup>218</sup> (Tradução nossa). Com este argumento, Maier parte da premissa de que o exegeta histórico-crítico se aproxima do texto partindo do pressuposto de que vai buscar separar elementos que são espúrios e não fazem parte do conteúdo ou da “parte divina” da Escritura. Isto na visão de Maier é inconcebível, pois “o que deveríamos pensar de um método que deva trazer consigo um julgamento e resultado tão conclusivos antes de começar a desbloquear

---

<sup>214</sup> “One reason for this was that either the standards were not exact enough or not convincing enough, or the results, in spite of similar-sounding standards, were still too dissimilar.” MAIER, 1974, p. 16.

<sup>215</sup> “The Bible Does Not Permit Itself to Be Separated into a Divine Scripture and a Human Scripture.” MAIER, 1974, p. 17.

<sup>216</sup> “In spite of honest endeavor, as a result of the lack of a ‘key’ agreement was never reached as to what firmly and always would have to be considered a part of ‘divine truths.’ MAIER, 1974, p. 18.

<sup>217</sup> “Revelation is more than subject matter.” MAIER, 1974, p. 18.

<sup>218</sup> “The conclusion is established prior to the interpretation.” MAIER, 1974, p. 20.

o assunto selecionado para consideração?”<sup>219</sup> (Tradução nossa). Sendo assim, o Método Histórico-Crítico, dado o seu objetivo, põe uma linha de orientação que levaria a sua aplicação a conclusões previamente estabelecidas.

Segundo Maier, o método (e) é de “praticidade deficiente.”<sup>220</sup> (Tradução nossa). O argumento parte da premissa de que os resultados proporcionados pelo Método Histórico-Crítico são de pouca aplicabilidade à vida da igreja, ampliando o abismo entre a erudição e a igreja. “A seguinte consideração pode ter pouco peso para um teórico, mas é de extrema importância para uma igreja que, por força da necessidade, depende de diretrizes.”<sup>221</sup> (Tradução nossa). Os resultados dos estudos da crítica histórica aumentaram a distância entre os eruditos e a igreja, apesar da imensa quantidade de produção pelos teóricos do método, seu conteúdo não é compatível com o propósito da pregação cristã, que é a edificação dos ouvintes.

E ainda (f) “A crítica não é a resposta apropriada para a revelação.”<sup>222</sup> (Tradução nossa). Maier parte da premissa de que as Escrituras são a revelação de Deus, e que “um método crítico deve falhar, porque apresenta uma impossibilidade interior. Pois o correlativo ou contraparte à revelação não é a crítica, mas obediência.”<sup>223</sup> (Tradução nossa). Esta posição de Maier parte da premissa de que Deus revelou-se à humanidade através de Cristo e das Escrituras. Em contrapartida, é válido lembrar que o método assume como pressuposto que não há nada transcendente, apenas imanente. Logo, fica muito clara a total hostilidade do método às principais doutrinas do cristianismo e a dificuldade de sua aplicabilidade como instrumento que possa fazer jus à natureza da Bíblia como um livro que possui a revelação de Deus. Portanto, para Maier, o Método Histórico-Crítico deve ser rejeitado.

Dentro da mesma perspectiva de Maier, encontramos a posição de Eta Linnemann, antes praticante do método, que chama o Método Histórico-Crítico de teologia histórico-crítica, “sem dúvida, em dias passados, ela instou com seus

<sup>219</sup> “What should we think of a method which has to bring with it such a conclusive judgment and result before it begins to unlock the subject selected for consideration?” MAIER, 1974, p. 20-21.

<sup>220</sup> “Deficient Practicability” MAIER, 1974, p. 21.

<sup>221</sup> “The following consideration may bear little weight for a theoretician, but it is of utmost importance for a church that by force of necessity is dependent on guidelines.” MAIER, 1974, p. 21.

<sup>222</sup> “Critique Is Not the Appropriate Answer to Revelation.” MAIER, 1974, p. 22.

<sup>223</sup> “A critical method must fail, because it presents an inner impossibility. For the correlative or counterpart to revelation is not critique but obedience.” MAIER, 1974, p. 23.

estudantes, com entusiasmo e convicção, de que a Bíblia continha muitos erros, que milagres jamais seriam possíveis”<sup>224</sup> e que apenas um estudo científico do texto poderia revelar seu verdadeiro significado, mas Linnemann mudou seu pensamento, expõe sua visão do método e, assim como Maier, recomenda a sua rejeição.

#### 4.4 - ETA LINNEMANN: O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO COMO ABSOLUTIZAÇÃO DA RAZÃO

Dentre os posicionamentos contrários à Metodologia Histórico-Crítica, destacamos Eta Linnemann, que foi uma estudante de alguns dos pensadores mais importantes da erudição alemã, dentre eles: Bultmann, Fuchs, Gogarten e Ebeling. “Mais tarde, afiliada à sociedade profissional de pesquisa do Novo Testamento de maior prestígio mundial, ela fez par com muitos outros de igual estatura.”<sup>225</sup> Segundo Linnemann, o resultado da exegese propagada pela abordagem histórico-crítica se caracteriza pela ideia de que “Deus, da maneira como entendido pelo pensamento cristão ortodoxo histórico, é sistematicamente descartado em qualquer consideração, e substituído pela autoconsciência humana e por forças puramente imanentes”<sup>226</sup>, e este fato é resultado das premissas ideológicas em que o método está baseado. Uma vez que “a visão historicista, modelada nas leis da ciência da natureza, se expressa na exclusão de Deus como causa fator e na negação da possibilidade de milagre.”<sup>227</sup> (Tradução nossa).

Para Linnemann, a abordagem histórico-crítica usa “uma série de pré-julgamentos que não são em si mesmos resultados da investigação científica. São, antes, premissas dogmáticas, declarações de fé, cujo fundamento é a *absolutização* da razão humana como aparato controlador.”<sup>228</sup>

Linnemann vê o Método Histórico-Crítico como uma absolutização da razão, pois “a razão decide o que é certo, provável ou improvável na Bíblia, e o que ocorreu, não ocorreu ou jamais ocorrerá.”<sup>229</sup> Logo, “a crítica histórica operou, embora secretamente, sobre a base de tais fundamentos meta-empíricos: uma fé

<sup>224</sup> LINNEMANN, Eta. *Crítica Histórica da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 10.

<sup>225</sup> LINNEMANN, 2009, p. 7.

<sup>226</sup> LINNEMANN, 2009, p. 12.

<sup>227</sup> “The historicist view, modeled on the laws of natural science, expresses itself in the exclusion of God as a causative factor and in the denial of the possibility of miracle.” KRENTZ, 1977, p. 58.

<sup>228</sup> LINNEMANN, 2009, p. 129.

<sup>229</sup> LINNEMANN, 2009, p. 125.

em razão e progresso e uma ontologia do realismo ingênuo.”<sup>230</sup> Isto exclui a fé e a ação do Espírito Santo na interpretação bíblica, pois “o Espírito é substituído pelo método de interpretação, o qual supostamente garante a objetividade da interpretação e sua adequabilidade para o texto bíblico em questão.”<sup>231</sup> Na visão de Linnemann, o Método Histórico-Crítico leva a uma relatividade da Bíblia à medida que ela e o cristianismo são colocados “no mesmo nível de comparação com outras religiões e suas escrituras sagradas.”<sup>232</sup> Isto leva o Cristianismo “a perder a sua singularidade, pois só pode ser compreendido em relação a toda a história.”<sup>233</sup> (Tradução nossa). Esta forma de abordagem tira a autoridade da Bíblia, pois, não apenas a transforma em mais uma obra da literatura universal, mas depõe contra a doutrina da inspiração e trata-a como “mera criação de escritores teológicos, qualquer versículo nada mais é do que um pronunciamento teológico humano, sem nenhuma carga de obrigatoriedade.”<sup>234</sup>

O Método Histórico-Crítico é retratado por Linnemann como algo que “não promove a proclamação do evangelho, antes, retarda-a – na verdade, impede-a.”<sup>235</sup> Pois a aplicação do método não consegue romper com uma interpretação meramente subjetiva do texto e a objetividade proposta por essa metodologia não se concretiza. O que acontece de fato são interpretações que possuem apenas um caráter provisório e que são em sua maioria divergentes das conclusões de outros adeptos do método. A ideia de uma verdade absoluta é excluída como resultado do emprego do método, pois, como princípio da crítica história, a dúvida metodológica exclui toda a certeza e torna possível apenas se afirmar a probabilidade da existência dos eventos. Logo, não há uma “intenção real de estabelecer a verdade.”<sup>236</sup> Ao invés disso, “a crítica torna cada evento individual incerto.”<sup>237</sup> (Tradução nossa). A aplicação do Método Histórico-Crítico ao estudo do AT e NT trouxe uma série de consequências, o Novo Testamento é lançado contra o Antigo Testamento sob a presunção de que o Deus do Novo Testamento seja diferente do

---

<sup>230</sup> “Historical criticism did operate, although covertly, on the basis of such meta-empirical underpinnings: a faith in reason and progress and an ontology of naïve realism.” WINK, 1973, p. 3.

<sup>231</sup> LINNEMANN, 2009, p. 100.

<sup>232</sup> LINNEMANN, 2009, p. 97.

<sup>233</sup> “[...] loses its uniqueness, for it can be understood only in relation to the whole of history.” KRENTZ, 1977, p. 56.

<sup>234</sup> LINNEMANN, 2009, p. 99.

<sup>235</sup> LINNEMANN, 2009, p. 102.

<sup>236</sup> LINNEMANN, 2009, p. 104.

<sup>237</sup> “Criticism makes every individual event uncertain.” KRENTZ, 1977, p. 55.

Deus do Antigo Testamento, uma vez que Jesus teria introduzido um novo conceito de Deus.<sup>238</sup>

Dessa forma, há uma mudança de tratamento na maneira como era analisado o relacionamento entre o AT e o NT. As investigações histórico-críticas concluíram que

Os escritos coletados no Novo Testamento são, segundo seu caráter histórico, documentos de história religiosa antiga, escritos numa língua morta, um conjunto de conceitos e um mundo conceitual que não podemos mais compreender imediatamente.<sup>239</sup>

A partir dessa visão do NT, por exemplo, é desenvolvida uma série de pesquisas e investigações, a Escritura é analisada apenas como um texto antigo e para esta tarefa se faz “uso cuidadoso dos construtos hipotéticos da ciência do Antigo e do Novo Testamento”<sup>240</sup>, que partem do “princípio não declarado, mas operante, da ciência do Antigo e do Novo Testamento que é: Aquilo que o texto afirma claramente pode não ser verdadeiro”<sup>241</sup>. A partir disso, temos um conjunto de técnicas que irão auxiliar na construção de hipóteses para explicar o texto a partir de uma visão racionalista. E ainda,

a análise crítica fomenta a tendência de tratar a Bíblia como uma realidade atomizada dividida em uma série de textos aparentemente intermináveis e discretos que refletem os pontos de vista de autores particulares, mas não o alcance e a grandeza da palavra de Deus.<sup>242</sup> (Tradução nossa).

Os elementos que são tidos como sobrenaturais ou contrários às leis da natureza são logo relegados à condição de mitos ou estratégia poética dos autores bíblicos. De forma que a mensagem do livro se torna totalmente irrelevante para a vida prática da igreja. Eta Linnemann retrata a sua mudança de posição após a sua conversão. Em suas próprias palavras:

Tomei consciência da estultícia que é, dado o que Deus está fazendo hoje, sustentar que os milagres relatados no Novo Testamento jamais ocorreram. De pronto, ficou claro para mim que meu ensino era um caso de cego

---

<sup>238</sup> LINNEMANN, 2009, p. 98.

<sup>239</sup> LINNEMANN, 2009, p. 140.

<sup>240</sup> LINNEMANN, 2009, p. 109.

<sup>241</sup> LINNEMANN, 2009, p. 100.

<sup>242</sup> “[...] critical analysis fosters a tendency to treat the Bible as an atomized reality divided into a series of seemingly endless, discrete texts reflecting the points of view of particular authors, but not the sweep and grandeur of God's word.” HARRISVILLE et al, 2002, p. 12.

guiando cegos. Arrependi-me da maneira como havia enganado meus alunos.<sup>243</sup>

A crítica de Linnemann é um testemunho de que, apesar dos avanços ocorridos nos estudos bíblicos com a aplicação do Método Histórico-Crítico, não podemos negligenciar o fato de que os princípios adotados pelo método são oriundos de uma visão de mundo racionalista que é partidária de um paradigma baseado na imanência e, por consequência lógica, é totalmente contrário à ideia de transcendência. Além disso, o propósito do método é um estudo científico dos textos, deixando de lado todo compromisso confessional. Mas, embora os argumentos de Linnemann sejam importantes na investigação dos pressupostos e no impacto do método à interpretação bíblica, é válido acrescentar que há outros que acreditam que o Método Histórico-Crítico pode ser usado como um instrumento valioso na propagação da mensagem cristã e que os seus resultados positivos superam os seus resultados depreciativos, destacamos a posição do teólogo americano Edgar Krentz, que vê no método um recurso que pode ser usado a serviço da igreja e disseminação do evangelho.

#### **4.5 - KRENTZ: A CRÍTICA HISTÓRICA A SERVIÇO DO EVANGELHO**

Krentz pontua que “a teologia não pode retornar a uma era pré-crítica.”<sup>244</sup> (Tradução nossa). E considera que a crítica histórica é um dos grandes eventos da história do cristianismo, defendendo que os teólogos devem “procurar usar a crítica histórica a serviço do evangelho.”<sup>245</sup> (Tradução nossa). Pois, para ele, “a crítica histórica não é uma ameaça às Escrituras porque é congruente com seu objeto, a Bíblia.”<sup>246</sup> Na visão de Krentz, a crítica histórica é o melhor método para determinar com precisão o significado dos textos bíblicos por ser um método que respeita a distância histórica entre os nossos dias e o período de confecção dos textos.

---

<sup>243</sup> LINNEMANN, 2009, p. 19.

<sup>244</sup> “Theology cannot return to a precritical age.” KRENTZ, 1977, p. 61.

<sup>245</sup> “[...] but they can in the present only seek to use historical criticism in the service of the Gospel.” KRENTZ, 1977, p. 61.

<sup>246</sup> “Historical criticism is not a threat to the Scriptures because it is congruent with its object, the Bible.” KRENTZ, 1977, p. 61.

Krentz elenca algumas razões que podem mostrar os benefícios da crítica histórica, pois, segundo ele, estes “resultados são uma imensa validação para o uso do método.”<sup>247</sup> (Tradução nossa). Segundo Krentz,

(1) Estudiosos críticos forneceram as ferramentas de pesquisa em uso hoje, desde gramáticas, léxico e concordâncias, até edições críticas de textos, aos grandes dicionários teológicos, comentários e histórias que são o alimento básico de todo exegeta. Todas as traduções da Bíblia em uso hoje se baseiam em tais ferramentas e são o resultado desse trabalho histórico.<sup>248</sup> (Tradução nossa).

Krentz aponta para a imensa quantidade de literatura e ferramentas que serviram para facilitar e ampliar os horizontes do exegeta que trabalha com o texto bíblico. Todos estes recursos não teriam sido desenvolvidos sem que fosse aplicada a Metodologia Histórico-Crítica. E continua (2) “Através do estudo do contexto geográfico e histórico, a vida e a história de Israel e da igreja primitiva receberam uma nova luz.”<sup>249</sup> (Tradução nossa). O cerne do argumento de Krentz é que, o emprego das ferramentas do Método Histórico-Crítico, dado o seu caráter interdisciplinar interagindo com outras disciplinas do círculo acadêmico, como a arqueologia, possibilitaram o conhecimento de detalhes e da história do mundo bíblico que de outra forma jamais seriam alcançados.

Krentz também afirma que (3) “temos uma melhor compreensão da gramática original e do sentido histórico da Bíblia, que até os reformadores elogiaram.”<sup>250</sup> (Tradução nossa). Este aspecto, que é de vital importância para a exegese, forma parte de um legado irrefutável da crítica histórica, embora ele admita que haja limitações, contudo, nunca se chegou tão longe dentro dessa área do conhecimento bíblico. Em seguida pontua que (4) “O caráter histórico e condicionado pelo tempo que a Bíblia possui ficou evidente.”<sup>251</sup> (Tradução nossa). Com este argumento, fica clara a necessidade de uma exegese que leve em consideração o caráter histórico da Bíblia e a distância temporal entre os dias atuais

<sup>247</sup> “[...] the results are an immense validation for the use of the method.” KRENTZ, 1977, p. 63.

<sup>248</sup> “Critical scholars have provided the research tools in use today, from grammars, lexica, and concordances, through critical text editions, to the great theological dictionaries, commentaries, and histories that are the staple fare of every exegete. All translations of the Bible in use today rest on such tools and are the result of such historical work.” KRENTZ, 1977, p. 63.

<sup>249</sup> “Through the study of the geographical and historical context the life and history of Israel and the early church have been given new light.” KRENTZ, 1977, p. 64.

<sup>250</sup> “We have a better grasp of the original grammatical and historical sense of the Bible, which the Reformers praised.” KRENTZ, 1977, p. 64.

<sup>251</sup> “The time-conditioned, historical character of the Bible has been made evident.” KRENTZ, 1977, p. 64.

e os destinatários originais dos textos bíblicos, que é um fator inegociável em uma exegese séria e que leve em consideração o contexto de confecção dos textos e a intenção original do autor.

Krentz ainda pontua:

(5) A crítica histórica faz a lacuna entre nós e o mundo bíblico tão amplo quanto ele realmente é, nos obriga a enfrentar a peculiaridade e particularidade dos textos em seu mundo, e nos confronta com o Jesus que é o desafio para todas as culturas e seguranças de nosso mundo. O estudo histórico evita uma atualização muito rápida.<sup>252</sup> (Tradução nossa).

Este aspecto do Método Histórico-Crítico leva o exegeta a não subestimar a distância histórica entre o mundo do texto e os nossos dias, evitando uma contextualização apressada que não favoreça a intenção do autor original e o propósito do texto. Como assevera Karl Möller, “talvez a contribuição mais importante da erudição histórico-crítica para a interpretação bíblica tenha sido tornar-nos conscientes da localização histórica e cultural dos textos.”<sup>253</sup> (Tradução nossa). E este conhecimento é indispensável para a compreensão e busca de significado. Krentz segue elencando que (6) “A crítica histórica fornece um meio para as Escrituras exercerem sua função crítica adequada na igreja.”<sup>254</sup> (Tradução nossa). Ou seja, a interpretação histórico-crítica está inteiramente ligada aos textos em estudo e não tem o cuidado de atender “às preocupações ou problemas modernos e, portanto, deixa os textos em sua integridade.”<sup>255</sup> (Tradução nossa). Sendo assim, o exegeta, com o uso do Método Histórico-Crítico, pode fazer justiça ao uso correto do texto, evitando sua manipulação ou descontextualização em favor de propósitos que estão longe da intenção do próprio texto.

Krentz continua sua lista registrando que (7) “A crítica histórica é autocorretiva. Reconstruções arbitrárias e teorias selvagens estão condenadas à

---

<sup>252</sup> “Historical criticism makes the gap between us and the biblical world as wide as it actually is, forces us to face the peculiarity and particularity of the texts in their world, and confronts us with the Jesus who is the challenge to all cultures and securities of our world. Historical study prevents too rapid modernizing.” KRENTZ, 1977, p. 65.

<sup>253</sup> “Perhaps the most important contribution of historical-critical scholarship to biblical interpretation has been to make us aware of the historical and cultural location of the texts.” MOLLER, karl. *Renewing Historical Criticism*. In: GREENE et al, 2000, p. 163.

<sup>254</sup> “Historical criticism provides a way for the Scriptures to exercise their proper critical function in the church.” KRENTZ, 1977, p. 65.

<sup>255</sup> “[...] not to modern concerns or problems and so leaves the texts their integrity.” KRENTZ, 1977, p. 65.

rejeição por estudiosos que as comparam com os textos.”<sup>256</sup> (Tradução nossa). Esta qualidade do Método Histórico-Crítico pode ser uma das mais temidas, uma vez que funciona como um ácido corrosivo para especulações que são construídas com base em textos bíblicos, mas são fruto da imaginação de pessoas criativas e que estão longe de reproduzir com fidelidade o significado dos textos. E dando continuidade, (8) a “crítica histórica efetuou uma mudança significativa na visão teológica. A investigação meticulosa dos textos da Bíblia trouxe à luz a magnífica variedade na Bíblia.”<sup>257</sup> (Tradução nossa). Foi através da Metodologia Histórico-Crítica que foram enfatizados os diversos gêneros literários que compõem a Bíblia e a necessidade de tratar cada texto de acordo com suas peculiaridades.

Ainda segundo Krentz, (9) “A ênfase na história afetou todos os ramos da teologia.”<sup>258</sup> (Tradução nossa). Isto desencadeou a consciência da necessidade de uma leitura das escrituras que levasse em consideração o seu aspecto histórico, e somente a partir dele fazer uma atualização da mensagem para os nossos dias, negar o aspecto histórico dos textos é negar a própria natureza das escrituras. E por fim Krentz pontua que (10) “A crítica histórica produz apenas resultados prováveis. Isto relativiza tudo.”<sup>259</sup> (Tradução nossa). Este fator, que é apontado como uma objeção ao Método Histórico-Crítico por seus opositores, é colocado por Krentz como uma virtude que aponta para a verdadeira natureza da fé. Pois, uma vez que remove todas as concepções dogmáticas e controvertidas do texto, dá ao crente a oportunidade de crer, independentemente da historicidade do que é retratado no relato bíblico.

Krentz conclui sua argumentação em favor de um estudo histórico-crítico das escrituras afirmando que “a crítica histórica a serviço do Evangelho e da missão da Igreja é o ideal eclesialístico.”<sup>260</sup> E que o possível conflito que pode ocorrer entre a exigência de um objeto verificável por parte da crítica histórica e o serviço do evangelho será resolvido pelo intérprete que está inserido dentro de uma

---

<sup>256</sup> “Historical criticism is self-correcting. Arbitrary reconstructions and wild theories are doomed to rejection by scholars who measure them against the texts.” KRENTZ, 1977, p. 66.

<sup>257</sup> “Historical criticism has effected significant change in theological insight. The meticulous investigation of the biblical texts has brought to light the magnificent variety in the Bible.” KRENTZ, 1977, p. 66.

<sup>258</sup> “The emphasis on history has affected every branch of theology.” KRENTZ, 1977, p. 66.

<sup>259</sup> “Historical criticism produces only probable results. It relativizes everything.” KRENTZ, 1977, p. 66.

<sup>260</sup> “Historical criticism in the service of the Gospel and the mission of the church is the ecclesiastical ideal.” KRENTZ, 1977, p. 72.

comunidade de fé e que deve combinar “dedicação à verdade histórica com o reconhecimento de sua própria humanidade e necessidade de perdão.”<sup>261</sup>

O Método Histórico-Crítico tem causado uma série de posicionamentos à sua prática e é notório seu impacto na interpretação Bíblica, produzindo desde opositores mais hostis em suas críticas, como Walter Wink, Gerhard Maier e Eta Linnemann, que recomendam a sua rejeição imediata, a estudiosos como Joseph A. Fitzmyer, que propõe a utilização do método sem suas premissas, ou até mesmo Edgar Krentz, que vê na Metodologia Histórico-Crítica um instrumento para propagação do evangelho. Portanto, não podemos desprezar o avanço e os resultados das pesquisas realizadas pelo Método Histórico-Crítico em diversos textos da Bíblia, negar suas conquistas seria uma atitude dogmática ao extremo, em contrapartida, é válida a crítica que revela que sua aplicação não é isenta de pressupostos, que nega a inspiração da Bíblia e reinterpreta o sobrenatural de forma compatível aos anseios de uma visão racionalista.

---

<sup>261</sup> “[...] dedication to historical truth with the recognition of his own humanity and need for forgiveness.” KRENTZ, 1977, p. 72.



## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa bibliográfica buscou investigar os pressupostos do Método Histórico-Crítico e seu impacto na interpretação bíblica a partir dos dados obtidos através de livros e artigos que registraram a posição de defensores e críticos do Método Histórico-Crítico. O ponto de partida para o estudo foi o século XVII, com a obra do padre francês Richard Simon, passando pela reforma protestante e em seguida por personagens como Spinoza, John Locke e Johann Salomo Semler.

No que diz respeito aos objetivos específicos, o primeiro deles é descrever o contexto histórico de criação do método. Conclui-se que o Método Histórico-Crítico tem sua origem relacionada à segunda metade do século XVIII, em meio às mudanças ocorridas no cenário europeu, especialmente nos campos político, filosófico e teológico. Destaca-se a figura do teólogo alemão Johann Salomo Semler, considerado o pai do Método Histórico-Crítico. No entanto, é importante ressaltar que as raízes desse método são mais antigas e englobam um grupo mais amplo de estudiosos que não são abordados neste estudo.

Ainda em relação aos objetivos específicos, sendo o segundo definir o que é o Método Histórico-Crítico, conclui-se que é uma forma de abordagem que visa a interpretar um texto bíblico tendo como objetivo definir a intenção do autor original dentro de seu contexto histórico. O terceiro objetivo específico foi alcançado quando descrevemos os principais passos exegéticos do Método Histórico-Crítico que foram elencados: Crítica textual, crítica literária, crítica da fonte, crítica da forma, crítica da redação e crítica da tradição.

Dando continuidade aos objetivos específicos, sendo o quarto relacionar as principais influências na formação dos pressupostos do Método Histórico-Crítico, conclui-se que o Método Histórico-Crítico foi influenciado por pressupostos filosóficos, como a ideia de uma religião natural conforme propagada pelo Deísmo Inglês, a dúvida como instrumento de análise, conforme desenvolvida pelo filósofo francês René Descartes, e a ideia de liberdade e da autonomia do sujeito, conforme propagada pelo iluminismo e bem desenvolvida na obra do filósofo Immanuel Kant.

O último objetivo específico do trabalho foi alcançado quando foram elencados os principais pressupostos do Método Histórico-Crítico, estes foram apresentados oriundos da contribuição de duas fontes principais, do racionalismo e da obra do teólogo alemão Johann Salomo Semler.

Diante das respostas alcançadas, a pesquisa respondeu à pergunta central, concluindo que os pressupostos do Método Histórico-Crítico influenciam na interpretação de um texto bíblico à medida que possuem pressupostos filosóficos que negam a doutrina da inspiração da Bíblia, além de que o elemento sobrenatural é banido dos textos bíblicos e interpretado como uma acomodação às tradições da época de composição dos textos. Logo, o Método Histórico-Crítico pode ser usado como auxílio na determinação da intenção original do autor. Mas suas conclusões devem ser recebidas sob o mesmo princípio em que ele está apoiado, como prováveis, não como um resultado objetivo e livre de interferências ideológicas que possam influenciá-lo.

Por fim, esta pesquisa confirma a hipótese ao afirmar que a aplicação da Metodologia Histórico-Crítica ao texto impõe limites à exegese. Esses limites estão relacionados à estrutura do mundo, conforme concebida por uma visão racionalista. Quaisquer elementos encontrados nos textos bíblicos que não se encaixem no esquema proposto por essa corrente filosófica recebem interpretações diversas, exceto aquelas que os interpretam como fatos históricos. Isso representa um pré-conceito que faz parte do aparato proposicional do método.

A pesquisa deixa em aberto inúmeras possibilidades de ampliação, inclusive as tentativas de complementação ou superação do Método Histórico-Crítico, que têm dado origem a uma infinidade de métodos de estudo bíblico, como a crítica canônica, que tem ganhado espaço entre os estudos da interpretação bíblica.

Portanto, o uso do Método Histórico-Crítico tem suas contribuições ao mundo da interpretação bíblica. Mas, embora com todas as suas conquistas, seus usuários devem estar conscientes de que, embora tenha a pretensão de uma metodologia científica, sua epistemologia não é uma busca pela verdade, mas apenas por probabilidades, e o seu objetivo é encontrar o sentido pretendido pelo autor, sem que tenha sido criado com qualquer intenção de contextualização desta mensagem aos nossos dias.

## REFERÊNCIAS

- ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism*, 2 ed. Grand Rapids: William Eedmans Publishing Co.; Leiden: E. J. Brill, 1989.
- BARTON, John. *The nature of biblical criticism*. Louisville, KT; London: Westminster John Knox Press, 2007.
- BRAATEN, Carl; JENSON, Robert W. (Ed.). *Dogmática Cristã*. 2. Ed. v. 1. São Leopoldo: IEPG; Sinodal, 2007.
- BRAY, Gerald. *História da interpretação bíblica*. 1 ed. São Paulo. Vida Nova, 2017.
- BUSS, Martin J. *Biblical Form Criticism in Its Context*. A&C Black, 1999.
- CARNEIRO, Marcelo da Silva. Nova abordagem para a crítica da redação: A Memória social como referência em lugar da dependência textual. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.59, n.2, p.340-355, jul-dez. 2019.
- CASAGRANDE, Wellington. *Métodos de interpretação Bíblica*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020.
- COSTANZA, José Roberto da Silva. As raízes históricas do liberalismo teológico. *Fides Reformata*, São Paulo, ano X, n. 1, p. 79-99, 2005.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2001.
- DOBBERAHN, Friedrich E. Sobre a história do Método Histórico-Crítico. In: VOLKMANN, 1992.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- EPP, Eldon Jay. *Perspectives on New Testament textual criticism: collected essays, 1962-2004*. Leiden: E. J. Brill, 2005.
- FAIRBAIRN, Patrick. *Hermeneutical Manual: Or, Introduction to the Exegetical Study of the Scriptures of the New Testament*. Edinburgh: T & T Clark, 1858.
- FARR, James et al. *World eras. Volume 9: Industrial Revolution in Europe, 1750-1914*. Michigan: Gale, 2003.

FITZMYER, Joseph A. *A Interpretação da Escritura: em Defesa do Método Histórico-Crítico*. São Paulo: Loyola, 2011.

GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: da reforma protestante ao século 20*. 1 ed. São Paulo. Cultura cristã, 2004.

GREENE, Colin; MÖLLER, Karl. *Renewing Biblical Interpretation: Scripture and Hermeneutics Series*. Vol. 1. Grand Rapids; Carlisle: Zondervan ; Paternoster, 2000.

GUNKEL, Hermann. *The legends of Genesis: The biblical saga and history*. New York: Schocken Books, 1966.

GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Editora teológica; Edições Loyola, 2005.

HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. *Política da Bíblia: As raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização das Escrituras (1300-1700)*. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2018.

HARRISVILLE, Roy A; SUNDBERG, Walter. *The Bible in Modern Culture: Baruch Spinoza to Brevard Childs*. 2d. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. São Paulo: Iluminuras. 1991.

HORNIG, Gottfried. *Johann Salomo Semler: Studien zu Leben und Werk des Hallenser Aufklärungstheologen. Hallesche Beiträge zur europäischen Aufklärung*, v. 2, 1996.

IVALDO, Marco. Friedrich Wilhelm Joseph Schelling, Nachlass 5: Frühe theologische und philosophische Arbeiten 1793-1795, hrsg. von Christopher Arnold, Christian Danz u. Klaus Grotzsch (Marco Ivaldo). *Rivista di storia della filosofia: Nuova serie*, v. 73, n. 3, p. 532-534, 2018.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2021.

KNIGHT, A. Douglas. *Rediscovering the Traditions of Israel*. [S.L.]: Scholars Press and the Society of Biblical Literature, 2006.

KNIGHT, Douglas A. Tradition History. In: *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 6. New York: Doubleday, 1992. p. 633-638.

KRENTZ, Edgar. *The historical-critical method*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 1975.

KÜMELL, Werner Georg. *The New Testament: the History of the Investigation of Its Problems*. Nashville/TN: Abingdon Press, 1972.

LAINING R. D. *The Politics of Experience*. New York: Pantheon Books, 1967.

LAPA, Rafael Santos. A transformação do teísmo protestante em deísmo na Alemanha de Heine. *Caderno do Pet filosofia*. n. 6, p. 10-17, Jul-dez, 2012.

LAW R. David. *The historical-critical method: A guide for the perplexed*. London: T & T Clark, 2012.

LEE, J. Hoon. *The Biblical Accommodation Debate in Germany: Interpretation and the Enlightenment*. Springer, 2017.

LEGASPI, Michael C. *The death of scripture and the rise of biblical studies*. Oxford University Press on Demand, 2010.

LINNEMANN, Eta. *Crítica Histórica da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p.10

LUDER, Andreas; LÜDER, Andreas. *Historie und Dogmatik: ein Beitrag zur Genese und Entfaltung von Johann Salomo Semlers Verständnis des Alten Testaments*. Berlin; Nova York: Walter de Gruyter, 1995.

MAIER, Gerhard. *The end of the Historical-Critical Method*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1974.

MANNHEIM, Karl. *Ideology and Utopia*. New York: Harcourt, Brace & World, 1936.

MCKNIGHT, Edgar. *What is form criticism?*. Philadelphia: Fortress Press, 1969.

MUELLER, Enio R. O Método Histórico-Crítico: uma avaliação, In: FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da Exegese e da Hermenêutica*. 2ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 261-344.

MULLER, A. Richard. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms: Drawn Principally from Protestant Scholastic Theology*, Grand Rapids, MI: Baker, 1985.

OMASON, Roger. L. *Variantes Textuais do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2010.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem a interpretação bíblica*. São Paulo, Vida Nova. 2009.

PASCHKE, Boris. The Contribution of the Lutheran Theologian Johann Salomo Semler to the Historical Criticism of the New Testament. *Concordia Theological Seminary, Fort Wayne Indiana*, v.80, n.1-2, p.113-132, jan – abr/2016.

PERRIN, Norman. *What is redaction criticism?*. Philadelphia: Fortress Press, 1978.

PORTER, Stanley E. *Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation*. 1 ed. New York: Routledge, 2007.

PORTER, Stanley E.; PITTS, Andrew W. *Fundamentals of New Testament textual criticism*. Dulles: Eerdmans Publishing, 2015.

REID, W.S. Calvinismo. In: ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

KANT, I. Resposta à Pergunta: 'O Que é Esclarecimento?' In: KANT, I. *Textos Seletos*. (org. Carneiro Leão, E.). Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. [Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? 1784].

REVENTLOW, Henning; PERDUE, Leo G. From the enlightenment to the twentieth century. *History of biblical interpretation.*, v. 63, 2010.

ROGERSON, J. W. Historical Criticism and the Authority of the Bible. In: LIEU, Judith M.; ROGERSON, J. W. (eds). *The Oxford Handbook of Biblical Studies*. Oxford: Handbooks, 2008.

SCHMITT, Flávio. Método Histórico-Crítico: Um olhar em perspectiva. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.59, n. 2, p.325-339, jul-dez/2019.

SCHNELLE Udo. *Introdução à exegese do novo testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHRÖTER, Marianne. *Aufklärung durch Historisierung: Johann Salomo Semlers Hermeneutik des Christentums*. [S.l.] : Walter de Gruyter, 2012.

SCHWEITZER, Albert. *The quest of the historical Jesus: A critical study of its progress from Reimarus to Wrede*. Great Britain: A. & C. Black, 1910.

SILVA, Cássio Murilo Dias Da. *Metodologia de Exegese*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOCINUS, Faustus. *De Auctoritate Sacrae Scripturae*. Amsterdam: 1588.

STEIN, Robert H. *Gospels and tradition: Studies on redaction criticism of the synoptic Gospels*. Grand Rapids: Baker Book House, 1991.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de Exegese Bíblica*. Trad. Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SWANNIE, Douglas. SEMLER, Johann Salomo (o Salomon) (1725-1791) e racionalismo teológico. *Dizionario del pensiero cristiano alternativo*, 2018. Disponível em: <http://eresie.com/it/Semler.htm>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press, 1990.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. Editora Vida, 2001.

VIVIANO, A. Pauline. Source Criticism. In: MCKENZIE, S. L.; Haynes, S. R. (eds), *To Each Its Own Meaning: an Introduction to Biblical Criticisms and Their Application*. Westminster: John Knox Press, 1999. p. 35–57.

WEGNER, Uwe. *Exegese do novo testamento: Manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo. Paulus, 2000.

WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. In: *Mosaicos da Bíblia*, n.12. São Paulo: CEDI, 1993. p. 3-28.

WINK, Walter. *The Bible in human transformation: toward a new paradigm for biblical study*. Philadelphia: Fortress Press, 1973.

ZACHHUBER, Johannes. *Theology as Science in Nineteenth-Century Germany: From FC Baur to Ernst Troeltsch*. Oxford University Press, 2013.

ZIMMERMANN, Jens. *Hermeneutics: A very short introduction*. [S. l]: OUP Oxford, 2015.